



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO ACADÊMICO DO AGRESTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E  
MATEMÁTICA

AMITAL AMINADAB SANTOS BRITO

**SUBJETIVAÇÃO E REGIME DE VERDADE: percurso que perpassaram as  
mulheres da educação matemática**

Caruaru  
2021

AMITAL AMINADAB SANTOS BRITO

**SUBJETIVAÇÃO E REGIME DE VERDADE: percurso que perpassaram as  
mulheres da educação matemática**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação em Ciências e Matemática. Área de concentração: Educação em Ciências e Matemática.

**Orientadora:** Profa. Dra. Simone Moura Queiroz

Caruaru

2021

Catálogo na fonte:  
Bibliotecária – Paula Silva - CRB/4 - 1223

B862s Brito, Amital Aminadab Santos.  
Subjetivação e regime de verdade: percurso que perpassaram as mulheres da  
educação matemática. / Amital Aminadab Santos Brito. – 2021.  
80 f.; il.: 30 cm.

Orientadora: Simone Moura Queiroz.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Mestrado em  
Educação em Ciências e Matemática, 2021.  
Inclui Referências.

1. Mulheres. 2. Matemática – Estudo e ensino. 3. Poder (Filosofia). 4.  
Subjetividade. 5. Devir (Filosofia). 6. Professoras de matemática. I. Queiroz,  
Simone Moura (Orientadora). II. Título.

CDD 371.12 (23. ed.) UFPE (CAA 2021-266)

AMITAL AMINADAB SANTOS BRITO

**SUBJETIVAÇÃO E REGIME DE VERDADE: Percurso que perpassaram as mulheres da educação matemática**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação em Ciências e Matemática. Área de concentração: Educação em Ciências e Matemática

Aprovada em: 11/11/2021.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Simone Moura Queiroz (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Profa. Dra. Tássia Ferreira Tártaro (Examinadora Externa)  
Instituto Federal de São Paulo

---

Prof. Dr. Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Pernambuco

Dedico esse trabalho à minha querida e amada  
filha, **Lara Valentina**. Meu Amor por você é  
maior que o infinito (nossa sintonia).

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, àquele que permitiu que tudo isso acontecesse, Deus Pai todo Poderoso, a quem sempre entrego meus caminhos, e que me guia conforme a Sua vontade. À minha mãe, Maria Santíssima, que está sempre a minha frente, iluminando meus caminhos, cobrindo-me com seu manto protetor e me livrando de todo mal. Meu sentimento de gratidão pela vida, tudo que conquistei é dado pela fé que carrego em meu coração de um Deus em quem confio, que Amo acima de tudo e que me Ama incondicionalmente.

À minha orientadora, Professora Doutora **Simone Moura Queiroz**, que confiou em mim e cujas orientação e dedicação foram primordiais para a conclusão desta pesquisa. Uma pessoa de coração imenso, que acolhe cada um com carinho, especial atenção. Minha admiração por ela! Desde as primeiras aulas, fez-me ir em busca de que ela fosse minha orientadora e não restam dúvidas de que fiz a escolha certa. Pelos encontros, as conversas, e principalmente por me fazer mergulhar no mais profundo da presente pesquisa. Por tudo isso, e pela paciência em me conduzir até aqui. Tenho certeza que fui guiada pela melhor. Minha gratidão.

Aos meus pais, **Maria e Valderedo**, pela educação, dedicação, cuidado e amor para comigo. Vocês foram e são minha base, meus conselheiros na Terra. Amo-os muito e vou levar seus ensinamentos para o resto da minha vida.

À minha doce e adorável filha, **Lara Valentina**, como você me fez amadurecer, crescer, descobrir o verdadeiro amor incondicional! As lutas e aprendizagens são constantes, mas não trocava isso por nada. Pelas noites em que me pedia para descansar e brincar com você, pelas noites que ficou nos meus braços, mesmo que fosse só para me ver estudar, pelas noites que entendeu que não podia te dar atenção e ficava ao meu lado, fazendo-me companhia, mesmo aquelas vezes em que acabava dormindo. Você foi, é e sempre será minha fonte de inspiração e força para nunca desistir.

Às minhas irmãs, **Apolyxena, Abisag e Abigail**, primeiras amigas e confidentes. Encorajam-me e se orgulham a cada conquista minha. Registro minha admiração e meu amor por todas.

Aos meus sobrinhos, **Gabriel, Grazyelle**, nossas noites do pijama distraindo minha mente. À **Heloísa** e ao **Matheus**, meus novos sobrinhos, que chegaram no final deste trabalho, mas que me trouxeram tanta paz e tranquilidade, quando

paravam e se aconchegavam em meus braços. Meu anjinho, **Vinicius** (in memoriam). Titia é apaixonada por todos. Minha galerinha do barulho, que enche meu coração de tanto amor.

Aos meus amigos, **Brenda, Antônio e Jairo**, o nosso quarteto. Meus irmãos do coração. Quem diria que em uma viagem na graduação, juntaríamos e nos tornaríamos grandes amigos. À **Bruna** e ao **Jonas**, que ampliaram esse quarteto e vieram para complementar ainda mais essa amizade.

À **Brenda**, pessoa que passei a admirar muito, as mensagens que trocávamos durante nossa pesquisa, que viagem fazíamos nas ideias, quantas coisas aprendi com você. Obrigada.

À minha terapeuta, em meio às minhas loucuras, sua ajuda e incentivo me fizeram amadurecer pessoalmente e profissionalmente.

Às minhas colegas de mestrado, **Cida, Ju e Raiane**. Obrigada por estarmos juntas sempre, nos nossos desesperos e também nos momentos de conquistas, apoiando umas às outras.

Ao Grupo de Pesquisa Diferença; quanto aprendizado em nossas discussões, que às vezes nos deixavam perdidos nos conceitos, e que na verdade tudo isso fazia parte desse oceano que é a Filosofia da Diferença.

Às professoras de Matemática participantes dessa pesquisa, suas contribuições enriqueceram minha viagem.

À banca, com as presenças da Professora Doutora **Tássia Ferreira Tártaro** e do Professor Doutor **Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda**, suas contribuições foram enriquecedoras para esta pesquisa.

A toda minha família, que sempre torce pelas minhas conquistas.

A todos aqueles que, de alguma forma, estiveram próximos e que sempre contribuíram com palavras de apoio, estímulo, conhecimento, para que este trabalho se desenvolvesse e para a minha vida.

Gratidão a todos!!!

Figura 1 – Mapa, bússola e navio.



Fonte: Google imagem (2021).

“A ficção consiste não em fazer ver o invisível, mas em fazer ver até que ponto é invisível a invisibilidade do visível” (FOUCAULT, 2009, p.225).

## RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de descrever sobre a inserção de professoras da Educação Matemática, seus processos de subjetivação, que as fizeram escolher a profissão, suas marcas durante os acontecimentos na graduação e enquanto docente e os acontecimentos que são percursos de um devir. Assim como também, trazer a história de algumas mulheres matemáticas de séculos passados. Para isso, utilizamos a cartografia como metodologia desta pesquisa. Assumindo o papel de cartógrafas, adentramos os territórios dos sujeitos. Escolhemos a narrativa para relatar os movimentos que perpassaram nossas participantes. Foram cinco passageiras, professoras da Educação Matemática, convidadas a embarcarem em uma navegação (fictícia), levando-as aos portos (conceitos) da Filosofia da Diferença, entrelaçando com os percursos vividos por elas. Não tencionamos buscar uma resposta para nossas inquietações, mas intervir em cada participante, conhecendo os movimentos que as perpassaram, os encontros, as fugas, os agenciamentos, as subjetivações, a trajetória de um devir, como professoras da Educação Matemática.

**Palavras-chave:** mulheres; educação matemática; subjetividade; regimes de verdade; devir.

## ABSTRACT

This work aims to describe the insertion of Mathematics Education teachers, their subjectivation processes, which made them choose the profession, their marks during the events at graduation and as a teacher, and the events that are paths of becoming. As well as bringing the history of some women mathematicians from past centuries. For this, we use cartography as a methodology for this research. Assuming the role of cartographers, we enter the territories of the subjects. We chose the narrative to report the movements that permeated our participants. There were five passengers, teachers of Mathematics Education, invited to embark on a (fictitious) navigation, taking them to the ports (concepts) of the Philosophy of Difference, intertwining with the paths lived by them. We do not intend to seek an answer to our concerns, but intervene in each participant, getting to know the movements that permeated them, the encounters, the escapes, the assemblages, the subjectivations, the trajectory of a becoming, as teachers of Mathematics Education.

**Keywords:** women; mathematics education; subjectivity; regimes of truth; becoming.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	Mapa, bússola e navio.....	8
Fotografia 1 -	Navio partindo.....	21
Figura 2 –	Navegação.....	56
Figura 3 –	Convite ao passado.....	57
Figura 4 -	Cabine do navio – Passageira Hipátia.....	59
Figura 5 –	Cabine do navio – Passageira Maria Gaetana Agnesi.....	61
Figura 6 –	Cabine do navio – Passageira Marie Sophie Germain.....	62
Figura 7 -	Cabine do navio – Passageira Sofia Kovalevskaya.....	65
Figura 8 -	Cabine do navio – Passageira Amalie Emmy Noether.....	68
Figura 9 -	Cabine do navio – Passageira Mary Ellen Rudin.....	72
Figura 10 -	Cabine do navio – Passageira Maryam Mirzakhani.....	73
Fotografia 2 -	Horizonte.....	76

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>A PRIMEIRA VIAGEM.....</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>Um Desvio na Rota.....</b>	<b>19</b>
<b>3</b>	<b>O EMBARQUE DAS MULHERES: ENTRE REGIMES DE VERDADE, SUBJETIVIDADE E DEVIR.....</b>	<b>22</b>
<b>3.1</b>	<b>O Porto da Matemática.....</b>	<b>31</b>
<b>3.2</b>	<b>O Porto da Subjetividade.....</b>	<b>37</b>
<b>3.3</b>	<b>O Porto do Regime de Verdade.....</b>	<b>41</b>
<b>3.4</b>	<b>O Porto da Docência.....</b>	<b>44</b>
<b>4</b>	<b>O HORIZONTE MOVENTE: UM DIÁLOGO ENTRE AFETAÇÕES E ANGÚSTIAS DE MULHERES DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA.....</b>	<b>49</b>
<b>5</b>	<b>PRÓXIMA PARADA: PASSADO.....</b>	<b>56</b>
<b>6</b>	<b>O DESEMBARQUE.....</b>	<b>76</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>79</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Descrever as subjetivações entre mulheres e Matemática constitui como algo, de certa maneira, indispensável no campo da Educação Matemática. Nesse campo, as reflexões sobre professoras de Matemática não são muito comuns e dificilmente se configuram em uma investigação, algo que nos inquietou.

Tomando como ponto de partida o problema da pesquisa, obtivemos: quais as experiências, pensamentos, movimentos, devires, os saberes, os desejos, identificados nos processos de subjetivações, vividos por mulheres professoras da Educação Matemática.

Consideramos como objetivo geral dessa investigação: adentrar em alguns regimes de verdade e nos caminhos que tecem a subjetividade de algumas professoras de Matemática. Seguindo pelos objetivos específicos: discorrer sobre o olhar das mulheres para a profissão de professora de Matemática; descrever os discursos que perpassam a Educação Matemática, as linhas de forças existentes e a influência dos desejos na docente.

As tensões que se estabelecem entre as mulheres e a Matemática, a maneira como se deixaram subjetivar por essa ciência, mesmo diante de uma sociedade ainda, infelizmente, androcêntrica, em que discursos de que homens são melhores que as mulheres em Matemática, de que as disciplinas de “exatas” são para homens e que “humanas” são para mulheres, ainda predominam em nosso meio social.

Ao entender gênero como uma construção social, aqui relacionada às professoras de Matemática, como constituidor de subjetividades, coloca-se a reflexão de práticas de exclusão e desvalorização no interior de um discurso proposto. Nesse âmbito, compartilhamos de um contexto histórico, que traz uma verdade que vem atravessando os séculos, que rege um sistema segmentado, de exclusão e preconceito.

A Educação Matemática nos instiga a assumir uma posição crítica, diante das objeções, de uma cultura enraizada de que Matemática é complexa, indecifrável e, ainda hoje, em pleno século XXI, gera segregações. A Matemática, para muitos, é incompreensível, difícil e trata-se de um saber “para poucos”. São problemas e exercícios que se amontoam. A narrativa que se constitui sobre essa ciência está

presente desde o início de sua existência, em que apenas os homens eram considerados dotados desse conhecimento.

Chegamos ao conceito de gênero por meio de um breve contexto histórico, limitamos um pouco sobre esse caminho, pois não seria a direção dessa pesquisa e que abriria um leque para um estudo mais aprofundado em uma outra pesquisa. No entanto, tendo em mente o breve conceito de gênero, podemos seguir viagem na relação homem, mulher e Matemática, diante de discursos e regimes de verdade, que são perpassados ao longo dessa ciência.

Seguindo por Foucault, apresentaremos o conceito de poder. Compreendido não como repressivo, ao contrário, produz, atravessa a sociedade nas íntimas relações. Nessas relações, o poder constitui-se entre forças de afetar e ser afetado. Adentramos ainda no conceito de discurso, buscando entendê-lo como circunstância de um controle e regulamento, por via de procedimento e regras de submissão. Nessa análise do discurso, partimos para a questão dos regimes de verdade, sendo quando o discurso verdadeiro passa a ser ocorrência de um discurso que obedece aos critérios definidos socialmente como verdadeiros, enraizados, de que “Matemática é para homem”.

Em seguida, mergulhando na subjetividade, Foucault vem apresentar os “processos de subjetivação” a partir das relações de força de poder e saber. Convidamos Deleuze e Guattari para imergir nesse mergulho, trazendo a contrariedade que Foucault apresenta a esses processos de subjetivação, às rupturas e “linhas de fugas”. Deleuze e Guattari, por um lado, apresentam as linhas duras e maleáveis, em que a linha dura tenta codificar e controlar e a linha maleável oscila entre esse controle e a fuga. E por outro lado, o devir, enquanto linha de fuga que arrasta a subjetividade para a zona de ruptura.

Em nossa pesquisa, seguiremos viagem discutindo a participação de mulheres no campo da Matemática, onde cartografamos professoras da Educação Matemáticas de universidades públicas. O desenrolar dos dados dessa pesquisa se dá em forma de narrativa, sem expor as participantes. Utilizamos nomes fictícios e desenvolvemos a pesquisa de modo a analisar essas narrativas em relação a subjetividades e resistências das participantes em seus devires.

A cartografia nos levou a uma viagem de navio, onde primeiro somos convidadas a embarcarmos em um breve conceito de gênero; em seguida, nos conceitos da Filosofia da Diferença, discursos, regimes de verdade, subjetivação e

devir. Seguindo viagem, vamos conhecer os portos onde se localizam nossas participantes.

## 2 A PRIMEIRA VIAGEM

O movimento que embarca essa pesquisa surge de algumas inquietações. Deslocamentos de idas e vindas povoados por encontros e desencontros, assim eram nossos pensamentos ao depararmos com a Filosofia da Diferença. Ao adentrarmos no mundo da Filosofia, há alguns anos, abalou-se tudo, de uma forma muito positiva, não porque compreendíamos os conceitos que se discutiam, pelo contrário, era algo que despertava o não compreendido que ativava um modo de pensar esses movimentos da Filosofia da Diferença para a educação, para a vida, para a pesquisa.

O conceito é um dispositivo, uma ferramenta, algo que é inventado, criado, produzido, a partir das condições dadas e que opera no âmbito mesmo destas condições. O conceito é um dispositivo que faz pensar, que permite, de novo pensar. O que quer dizer que o conceito não indica, não aponta uma suposta verdade, o que paralisaria o pensamento; ao contrário, o conceito é justamente aquilo que nos põe a pensar. Se o conceito é produto, ele é também produtor: produtor de novos pensamentos, produtor de novos conceitos; e, sobretudo, produtor de acontecimentos, na medida em que é o conceito que recorta o acontecimento, que o torna possível. (GALLO, 2008, p. 43)

O agenciamento aconteceu. Primeiro nas aulas de Filosofia ainda na graduação, o primeiro contato nessa viagem entre subjetivações e agenciamentos. O ouvir, entre os amigos que participavam de um projeto de intervenção e ao mesmo tempo eram participantes de uma pesquisa, nos enchia de curiosidades, sobre a maneira e os conceitos que a professora/pesquisadora investigava e apresentava em sua tese de doutorado. Eis que surge a oportunidade de cursar uma disciplina de Filosofia em um curso de Matemática. Foi nesse percurso, que a viagem ao mundo da Filosofia da Diferença começava.

Quando nos defrontamos com a palavra diferença, pensamos logo em algo que foge dos padrões impostos socialmente. É compreender como algo que não nos guia como “manada” (FOUCAULT, 2005), ou seja, compreender as forças que nos afetam com um aprofundamento pessoal. Dessa forma é que podemos compreender que somos constituídos e (re)constituídos como únicos pela diferença e não pela igualdade.

Para Foucault, os processos de subjetivação envolvem o sujeito e afetam suas subjetividades, ou seja, os modos como se concretiza uma subjetividade dada por toda experiência do si. A expressão de algo impessoal.

Em um segundo momento, deram-se os encontros com a orientadora. Sim, a professora da disciplina tornou-se orientadora, não se tinha tamanha certeza de algo que se desejava pesquisar na graduação para o TCC<sup>1</sup>, que não estivesse conectado com a Filosofia; o encantamento com que a professora apresentava os conceitos, trazia a sede por mais e mais. As orientações eram sempre de enxurradas de perguntas, e a professora apresentava as sugestões de leituras e, juntas, embarcávamos em discussões.

Em seguida, fez-se a criação do grupo de pesquisa Diferença; mais uma vez a inspiração da professora nos levava a mergulharmos ainda mais na Filosofia, na busca pelos conceitos desconhecidos. A subjetivação, o devir, o cuidado de si, o regime de verdade e cada conceito que surgia traziam inquietações e reverberavam em um novo modo de ver a pesquisa para a Educação Matemática.

Finalizado a graduação, precisávamos seguir viagem. O mestrado foi o norte pelo qual ansiávamos naquele momento. O desejo era continuar as pesquisas, envolvendo Filosofia e Educação Matemática. Subimos a bordo e aqui estamos.

Primeiramente, para o projeto de seleção do mestrado, a inquietação nos levava a avançar nos caminhos que permearam escolhas dos graduandos em cursar licenciatura em Matemática. Porém fomos instigadas a ir mais longe.

Desenvolvendo os primeiros ensaios da pesquisa do mestrado, apresentou-se nos uma nova inquietação, que iria mais a fundo do que a escolha pela Matemática. Era sobre as experiências, pensamentos, movimentos, devires, os saberes, os desejos, identificados nos processos de subjetivações, vividos por mulheres professoras da Educação Matemática.

Vamos narrar os movimentos que conduzem essa pesquisa. Tais caminhos pressupõem que o leitor nos compreenderá, de alguma forma.

Por se tratar de movimentos, não poderíamos deixar as marcas de fora, pois elas desenvolvem-se pelos pensamentos, que fazem o corpo tecendo a partir de composições:

Se a marca coloca uma exigência de trabalho que consiste na criação de um corpo que a existencialize, o pensamento é para mim uma das práticas onde se dá esta corporificação. O pensamento é uma espécie de cartografia conceitual cuja matéria-prima são as marcas e que funciona como universo de referência dos modos de existência que vamos criando, figuras de um devir (ROLNIK, 1993, p.4).

---

<sup>1</sup> TCC – Trabalho de Conclusão desenvolvido no final de uma graduação como requisito parcial na conclusão do curso.

Quando as marcas do que vivemos fazem parte de nossas lembranças, é nesse momento que mergulhamos nos pensamentos/acontecimentos que atravessam nossa vida.

Diante de uma Matemática “masculinizada”, que rotula e direciona a compreensão da Matemática, propomos uma discussão sobre a questão que envolve gênero e Matemática, embarcados pelos conceitos de Filosofia da Diferença.

Vivemos rodeados por situações que nos exigem discernimento. Diante de costumes e preconceitos trazidos por uma cultura institucionalizada, uma importante marca nos movimentos das mulheres que agregavam reivindicações, o direito à educação, a condições dignas de trabalho, vem se fortalecendo no passar dos anos, mesmo em face desse ranço cultural que ainda reforça a desigualdade entre os gêneros.

Posto isso, questionamos sobre a pretensa superioridade em que se situa a Matemática masculina por via de uma equivocada alegação nas relações de gêneros envolvidas no discurso, de que “homens são melhores em Matemática” (SOUZA; FONSECA, 2010).

Nesse momento, algumas questões começaram a surgir. Destacando: como esses discursos e culturas subjetivaram algumas professoras de Matemática? Ao viajar pelo passado, podem-se conhecer as escolhas tomadas e relembrar os movimentos que passaram e que transpassaram cada uma dessas escolhas, convertendo no que hoje são. Alguns caminhos perdem-se nas lembranças, outros nos acompanham como marcas.

Dessa forma, vamos cartografar um grupo de mulheres, professoras da Educação Matemática, com um olhar sobre os modos de subjetivação que percorreram.

Cartografando, vamos narrando os acontecimentos. Seguindo o movimento, que vai ganhando formas. Mostrando nossos percursos. Criando caminhos, histórias, marcas, reais ou fictícias, lembranças.

A cartografia mencionada não está no conceito da Geografia, mas sim fazendo um deslocamento para a Filosofia da Diferença, no campo de subjetividade. É pensar a realidade por meio de outros dispositivos, não os apresentados pelos tradicionais discursos científicos, mas vivenciando aquilo que se passa nos intervalos, é o encontro com as essências da pesquisa.

Para Deleuze e Guattari (1996), a cartografia se apresenta como um princípio do rizoma, não como uma árvore que busca sua origem, mas como o rizoma que cria raízes subterrâneas com múltiplas direções; a Cartografia nos permite seguir por várias direções. Mostra os desdobramentos realizados na pesquisa, bem como os passos, os dados, os episódios. A cartografia se dá nos caminhos percorridos durante o processo de construção.

A cartografia é algo inteiramente subjetivo é um se lançar, como um surfista que leva consigo apenas suas experiências e a prancha. Ao entrar no mar, e diante das ondas, imprevisíveis, o surfista deixar-se levar, criando manobras a partir dos movimentos causados pelas ondas, buscando manter-se conectado ao oceano, o que lhe é vital (QUEIROZ, 2017, p. 14).

Navegando nessa teoria, os dados que constituem esse procedimento, a partir dos discursos das participantes da pesquisa, nos remetem à cartografia. Sendo assim, a escrita desta dissertação segue direcionada às professoras da Educação Matemática.

A dissertação que, de início tinha a intenção de adentrar nas subjetividades que alguns alunos vivenciam para a escolha da licenciatura em Matemática, ganhava nova roupagem, agora rumava para as subjetivações vividas por mulheres da Educação Matemática. Diante da relevância e necessidade de ingressar nos estudos sobre as relações entre Matemática e gênero, surgiu o desejo de incluir na pesquisa o referido olhar.

Pensamos também em levarmos, nessa navegação, a história das mulheres matemáticas do passado. Pouco se conhece sobre elas. Quando se pensa em algum teorema matemático, nos lembraremos de Pitágoras, Isaac Newton, Tales; provavelmente alguns destes virão à mente. Isso porque as mulheres matemáticas demoraram a ganhar protagonismo nessa ciência.

Era evidente o fato de que precisávamos apresentar as mulheres da Educação Matemática, em meio a um regime de verdade, onde há um maior predomínio masculino. Esse aspecto decorre dos processos que solidificaram essas ideias sexistas de se colocar o homem em um patamar superior ao da mulher. Não era uma questão só de Matemática, mas de dobrar a força diante de um sistema de opressões, que intensifica práticas de exclusão social.

A qualificação foi aprovada e o envio ao Comitê de Ética também teve a aprovação para continuarmos com a pesquisa.

## 2.1 Um Desvio na Rota

Algo inesperado nessa viagem aconteceu: em fevereiro de 2019, no Brasil, teve início a pandemia do Sars-Cov-2, conhecido como Covid-19, e em março, o mundo parou diante de uma crise sanitária causada por um vírus desconhecido aos cientistas. Se, em uma pesquisa cartográfica, o meio em que se está influencia seu desenvolvimento e as vibrações são afetadas pelo entorno, podemos dizer que a pandemia afetou-nos. Frustramo-nos, nesse processo de produção, e este sentimento transpassou a pesquisa, afetando-a. Diante dessas mudanças, optamos por nos reinventar.

As universidades pararam por imposição do isolamento social exigido pela pandemia. Após alguns meses, as aulas foram adaptadas ao ensino remoto e, assim nós, pesquisadores, precisávamos nos readaptar à situação. No nosso caso, a pesquisa partiria do questionário e posteriormente teríamos um diálogo presencial com as nossas participantes. No entanto reorganizamos a pesquisa, passando-a para o modo virtual.

Precisávamos correr contra o tempo. Nesse contexto, o que fizemos foi propor um convite, uma conversa com as professoras de Matemática, e que ocorresse durante um horário sugerido por elas. E não foi muito fácil, pois nesse período, todas as professoras estavam se adaptando ao ensino remoto. Algumas infelizmente se perderam pelo caminho, não conseguimos prosseguir, outras nos permitiram embarcá-las nessa viagem.

Foi nesses emaranhados de situações que esta pesquisa foi se produzindo, por meio de inquietações e incertezas nesses desvios que a pesquisa adentra para, enfim, existir. Como cartógrafos, inventamos e re(inventamos), criamos caminhos, buscamos rotas de fuga. Indo de encontro com as linhas externas, que interferiam no processo da construção da pesquisa.

O cartógrafo deve deixar-se conduzir pelas vibrações que estão emanadas. Assim como um surfista, que conhece os movimentos das ondas e as técnicas de como manejar uma prancha, quando está sobre a onda, deixa-se guiar por esta, acompanhando-a com o movimento do seu corpo, buscando manter-se sobre ela (a prancha na onda) o máximo possível, tendo para isso a sentir durante o processo para utilizar a manobra condizente, estando numa “perfeita” harmonia (QUEIROZ, 2015, p.54, grifo da autora).

Dessa maneira, esta dissertação é um cartografia. Um convite a embarcamos nessa navegação juntamente com as professoras, mulheres, Foucault, Deleuze...

Caro leitor/passageiro, o desafiamos a, nesta viagem, encontrar-se e reaver outros conceitos que não evidenciamos.

E, em algum momento, um fragmento desta dissertação poderá entrar em consonância com a sua história, um devir. Então, permita-se embarcar nessa viagem e adentrar nos caminhos nos quais ela nos guiará.

Boa

Viagem!

\*\*\*

O *check-in* deveria ser feito duas horas antes do horário de saída do navio. E mesmo antes de chegar ao porto para o embarque no navio da Educação Matemática, começaram a surgir os contratemplos. Nessa viagem, Laura não sabia com o que iria lidar, mas sabia que para tirá-la dali precisaria muito mais do que a espera do seu nome aparecer na lista de passageiros. E mesmo estando “atrasada” para o *check-in*, valeria a pena aguardar sua confirmação nessa viagem.

Laura, passageira dessa embarcação e amiga próxima da comandante Louise, foi agenciada a fazer essa viagem. Não saberia o que iria encontrar pela frente. Acabou entrando nessa viagem por meio de uma oportunidade, mas principalmente por mérito seu, agarrando-a com unhas e dentes. Às vezes não estava tão convicta em suas decisões, mas quando definia algo, iria até o fim.

Poommmm! A primeira buzina é ecoada por todos os arredores do navio, avisando a tribulação que a saída estava se aproximando. O navio parado onde a tripulação esperava ansiosa sua partida. Nessa embarcação, encontram-se as multiplicidades da Filosofia da Diferença, incluindo o olhar para as mulheres da Educação Matemática na sociedade.

Fotografia 1 – Navio partindo.



Fonte: Google imagem (2021).

\*\*\*

### 3 O EMBARQUE DAS MULHERES: ENTRE REGIMES DE VERDADE, SUBJETIVIDADE E DEVIR

Conhecer a comandante tinha lá suas regalias e prioridades. Laura, após se acomodar em sua cabine, com vista exclusiva para o mar, recebeu todo o itinerário da viagem. Pelo menos uma programação, mas sabia ela que nessa viagem não existiriam começo nem fim, muito menos rota; o fluir da navegação iria mostrar-lhe os caminhos.

Na cabeceira da sua cama, um *kindle*<sup>2</sup>. Ao tocar na tela, foi surpreendida. Louise, a comandante dessa navegação, dava-lhe as boas vindas, não pôde recebê-la no embarque, mas prepararia grandes surpresas para ela. A começar pelo *kindle*, onde lhe mostrava o material e a convidava a uma deliciosa leitura sobre alguns conceitos da Filosofia da Diferença, interligando as lutas das mulheres, as principais passageiras desse navio.

Laura pega o *kindle* e sai de sua cabine à procura de um local confortável. O céu repleto de estrelas a agenciava para uma noite em sua companhia. Procurava um lugar aconchegante, calmo, e que, com a paisagem de um céu estrelado e a imensidão do mar, a levasse a um mergulho de cabeça ao experimentar essa leitura. Acompanhada de uma garrafa de vinho branco, acomodou-se em uma poltrona na proa do navio. Era o lugar perfeito para embarcar nessa leitura. E assim o fez.

\*\*\*

Embarcamos de início, mostrando os caminhos e descaminhos da relação mulher, homem e Matemática, acessando a opção pelo uso do “[...] gênero como categoria de análise” (SCOTT, 1990), sobre uma mudança dos modos de pensar o uso desse conceito a partir de uma trajetória teórica e de constante mudança.

As trajetórias sociais das mulheres, excepcionalmente do feminismo, reivindicações, movimentos e lutas pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, vêm se constituindo ao longo da história. As reivindicações dos direitos políticos, sociais e econômicos – direito ao voto e a serem votadas, as melhores

---

<sup>2</sup> O Kindle é um leitor de livro digital.

condições de trabalho e salário, entre outras. Bem como a invisibilidade social e subordinação.

Embora os movimentos que confrontavam as desigualdades sociais estivessem acontecendo, a visibilidade da mulher ainda estava ligada à assistência e ao cuidado, à escola, a hospitais; tais ocupações eram associadas à identidade feminina. Por outro lado, quando desempenhavam atividades tidas como pertinentes à função do homem, as mulheres eram subordinadas e dirigidas por eles. Assim, as discussões passaram a ser direcionadas à invisibilidade e à exclusão das mulheres em espaços sociais, tais como, nas instituições, no ensino de Matemática.

Entretanto, nesse contexto de reivindicação, o movimento feminista argumentava sobre essas características de desigualdade que definiam determinadas funções sociais de mulheres e homens. Nessa reivindicação de constituir o que se designa como feminino e masculino, o conceito “gênero” passa a ser utilizado para “[...] enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (SCOTT, 1990, p. 72).

A proposta de recusa do “determinismo biológico”, que estava presente no termo “sexo”, fez com que se passasse a utilizar o conceito de “gênero”:

A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso dos termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O termo “gênero” enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre as mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Segundo esta visão, as mulheres e os homens eram definidos em termos recíprocos e não se poderia compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado. (SCOTT, 1990 p. 72, grifo da autora)

Para embrenharmo-nos nas discussões em torno da relação entre mulheres e Matemática, é necessário destacar as controvérsias e discussões sobre esse conceito. As abordagens pós-estruturalistas vêm desconstruir a oposição entre sexo/gênero, em que o sexo é assumido como uma representação física do corpo, enquanto gênero representa as construções sociais.

Butler (2003) apresenta a distinção entre sexo e gênero, afirmando que:

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e

estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura” (p. 25, grifo da autora).

Na abordagem feminista pós-estruturalista, o gênero é entendido como uma construção social, histórica e linguística, que inclui os processos que produzem homens e mulheres em produção e efeito de relações de poder.

Ao abordarmos as mulheres e a Matemática, pressupõe-se compreendê-las implicadas com o poder. Numa perspectiva que rompe com oposições de ligação entre dominantes e dominados, compreendem o poder como uma relação de forças,

[...] é preciso substituir a noção de que o poder social é unificado, coerente e centralizado por algo como o conceito de poder de Michel Foucault, entendido como constelações dispersas de relações desiguais, discursivamente construídas em “campos de força” sociais (SCOTT, 1990, p. 86, grifo da autora).

O campo nos quais o poder se exerce efetua-se e funciona em relações que se entrelaçam. É compreender o poder como uma relação de força, onde os sujeitos não só transitam, mas estão em posição de exercer e sofrer a ação do poder, em consequência, resistir a ele.

O interessante da análise é justamente que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras. [...] Não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram dele alijados. Rigorosamente falando, o poder não existe, existem sim práticas ou relações de poder (FOUCAULT, 1998, p. 14).

Destacamos, nessa relação de poder, as linhas que tentam codificar a sociedade, regidas por um regime de verdade, em que a Matemática foi constituída para o homem. Existem em nossa sociedade marcas de uma “concepção” de que “homens são melhores em exatas do que mulheres”, concepção esta que acontece já há muito tempo. Na verdade, é algo que persiste e que às vezes não enxergamos como práticas sociais, mesmo estando explícitas. De fato, essas práticas, há um longo tempo, vêm solidificando essas ideias de “superioridade” masculina no campo da Matemática.

Desse modo, ao adotarmos, nesta pesquisa, as mulheres, pretendemos utilizar o conceito de gênero no sentido de esclarecer as relações de poder entre homens e mulheres no campo da Matemática, e, assim, discutir os movimentos que fizeram as mulheres resistirem, dobrarem a força e seguirem em um campo masculinizado.

Para a análise das redes de discursos que vêm constituindo as mulheres e a Matemática, recorreremos à teoria do discurso de Foucault (1987), que define o conceito como:

Um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização, poderíamos assinalar (e explicar, se for o acaso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para as quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto e tempo; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo (1987, p. 135-136, grifo do autor).

O discurso opera ao dar visibilidade às relações de poder que se constituem e se multiplicam no próprio discurso, que acabam produzindo efeitos na produção dos sujeitos. Foucault, em “A ordem do discurso”, traz que a produção do discurso “[...] é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída” (FOUCAULT, 2012, p. 8-9) na sociedade, como autor de inibições, pois nem todos têm o direito de falar e de falar qualquer coisa. Esses processos seriam o que Foucault apresenta como rarefação dos discursos, dos sujeitos que falam, “[...] ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo” (FOUCAULT, 2012, p. 37).

Respaldando-se, portanto, em Foucault (2012), somos levados a pensar nos discursos da Matemática como constituídos por processos de exclusão. A Matemática tem seu regime de verdade, sua “política” de verdade, ou seja, os discursos no sentido de que “os homens têm maior capacidade em desenvolver habilidade em matemática”, “homens são de exatas, mulheres são de humanas”, são discursos que acolhem e funcionam como verdadeiros. Seriam, pois, esses regimes de verdade, atos determinados que constroem e produzem efeitos específicos.

À luz do conceito foucaultiano, é permitido analisar os mecanismos de poder que se encontram engendrados nessa relação, das práticas matemáticas femininas e masculinas, sobre os modos de “ser homem” e “ser mulher”, atribuídos como “verdadeiros”, ainda no século atual. As formas de resistência são o que Deleuze (2011) apresenta sobre a verdade que o poder investe na nossa vida cotidiana,

nossa interioridade e nossa individualidade, e sobre o saber, as codificações do sujeito, questionando sobre o que sobra para a subjetividade. Porém, afirma que nada sobra, pois os sujeitos estabelecem um “foco de resistência”, conforme “[...] a orientação das dobras que subjetivam o saber e recurvam o poder” (2011, p.113), na perspectiva de que:

A luta por uma subjetividade moderna passa por uma resistência às duas formas atuais de sujeição, uma que consiste em nos individualizar de acordo com as exigências do poder, outra que consiste em ligar cada indivíduo a uma identidade sabida e conhecida, bem determinada de uma vez por todas. A luta pela subjetividade se apresenta então como direito à diferença e direito à variação, à metamorfose (DELEUZE, 2011, p. 113, grifo do autor).

De fato, as relações de poder são múltiplas e de diferentes formas, aqui discutindo na relação gênero e Matemática. Porém podem atuar também em outros campos, como relações familiares, instituições etc. Foucault (2012) apresenta essa relação de poder, não para criar uma teoria, mas interligar a reflexão do sujeito e o discurso de verdade. E sobre as dimensões do seu pensamento, há um ponto do poder que propicia resistência, dobra o poder, escapando, relativamente, do processo de socialização. Existe a luta, uma tensão entre forças: de uma parte, o indivíduo quer dar vazão ao seu desejo, vivendo à sua maneira; da outra, uma série de dispositivos que tentam dobrar os indivíduos e controlar sua subjetividade e seu desejo (DELEUZE, 2011). Promover uma nova forma de subjetividade que venha a recusar a individualização das mulheres durante os séculos.

Talvez o aspecto que mais atue na caracterização do ser humano seja o de determinação da subjetividade. Desde muito cedo, a questão relativa às técnicas de governo e direção do sujeito implica considerar o ser humano situado dentro de um sistema (social) de relações de saberes e poderes, que se diferencia através de formações históricas, por meio do modo como se relacionam entre si e com os outros. Portanto, são as relações de poder e saber e os modos como se constituem a subjetividade, enquanto processos de subjetivação.

Para compreender os processos que constituem a subjetividade, adentrando no que Foucault (2004) apresenta como “técnicas (cuidado) de si”, há que se assumir que na sociedade moderna existe a valorização da “individualidade do sujeito”. Enquanto o que era apresentado na sociedade grega antiga era a preocupação com o autocontrole (cuidado de si), e à sombra dessa ética, o indivíduo

poderia exercitar sua liberdade política. Essa prática de governar-se a si dava-lhe uma condição de governo dos outros.

Dessa forma, para empenhar-se no governo dos outros, os gregos eram “avaliados” a partir de suas condutas em relação à ética do cuidado de si, não era algo que servia de base, uma vez que não havia um código de deveres, como posteriormente assumiu na modernidade, porque o cuidado de si, para os gregos, era buscar pela afirmação de si, cuidado de si, governo de si para o governo dos outros; no entanto, a partir da modernidade, instauram-se outras formas de relação consigo que se interiorizam nas práticas culturais, institucionais e nos hábitos individuais.

Para Foucault (2004), o processo de subjetivação está implicado nos modos como as forças das relações poder e saber são articuladas num campo social, onde os “modos de subjetivação” serão produzidos. Esses processos situam-se em um campo de forças dos discursos. Contudo não somente limitada a ser construída no “interior” do campo social, é fundamentalmente construída em relação às forças do Fora (campo das multiplicidades), ou seja, quando a subjetividade assume ao mesmo tempo um dentro do fora e forma ao mesmo tempo um fora do dentro (a dobra).

Na contrariedade aos processos de subjetivação, estão, segundo Foucault (2004), as “práticas de resistência” ou “linhas de fuga”, que são rupturas aos movimentos de estratificações sociais, abrindo novos caminhos de existência.

A partir desse aspecto, não só Foucault, mas, sobretudo, Deleuze e Guattari (1996) discutem a sociedade em relação as suas “linhas de fuga”, enquanto microprocessos dos pensamentos em sua multiplicidade.

Se somos múltiplos, esse percurso nunca tem um ponto final, vivemos em ondas de subjetivações, que nos passam e que nos transpassam. São as linhas de segmentaridade, segundo Deleuze e Guattari (1996), processamento de subjetividade, que são etapas vivenciadas nos processos coletivos de subjetivação.

Indivíduos ou grupos, somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza. São linhas que nos compõem, diríamos três espécies de linhas. Ou, antes, conjuntos de linhas, pois cada espécie é múltipla. Podemos nos interessar por uma dessas linhas mais do que pelas outras, e talvez, com efeitos, haja uma que seja, não determinante, mas que importe mais do que as outras... se estiver presente. Pois, de todas essas linhas, algumas nos são impostas de fora, pelo menos em partes. Outras nascem

um pouco por acaso, de um nada, nunca se saberá por quê (1996, p. 70, grifo dos autores).

Considerando, pois, que nos são apresentados três tipos de linhas, que se referem à linha “dura”, à “maleável” e às “linhas de fuga”, encontramos em todos os lugares e em todos os momentos os fenômenos da subjetividade. Em toda nossa existência, somos subjetivados e sofremos subjetivações que, de algum modo, acabam por nos transformar, seja aceitando esse processo, negando-o e/ou, indo de encontro a ele. São essas linhas que estão associadas aos processos de subjetivação.

A chamada linha dura “[...] opera a organização dual dos segmentos, a concetricidade dos círculos em ressonância, a sobrecodificação generalizada: o espaço social implica aqui um aparelho de Estado” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p.94). É ela que delimita o dominador e dominado, criados para o controle, estabelecendo normatização social.

A linha maleável é “[...] uma espécie de compromisso, procedendo por desterritorializações relativas, e permitindo reterritorializações que bloqueiam e remetem para a linha dura” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 73). Ela tem uma fluidez maior que a anterior e escapa ao controle, sofre a pressão. Mesmo fazendo parte do controle, a linha maleável oscila, de um lado, entre a exigência da linha dura, para que se sobrecodifique, e de outro, para que siga o devir, as mudanças, aproximando-se da linha de fuga.

As linhas de fuga são rompimentos, rupturas, não sobrecodificam nem pelas linhas duras nem pelas maleáveis, “[...] estas não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-los fugir, como se estoura um cano, e não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades, mesmo se seus segmentos não param de se endurecer para vedar” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 72).

Assim, o indivíduo está em constante processo de subjetivação, que o constitui e (re)constitui enquanto linhas que o perpassam, e temos de ficar atentos para não tomar os efeitos dessas linhas como determinantes. Ao tomarmos essas linhas como questões que concebem o sujeito como construído, considera-se que o sujeito está situado na ordem dos processos que os rotulam e codificam. As linhas de fugas é que permitem a fuga desses padrões e dessas ordens:

A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo pelo qual os indivíduos vivem

essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 33).

Diante de tais processos de subjetivação, compreendemos concepções da sociedade na tentativa de fazer articulações com os efeitos produzidos na Matemática. Assim, as mulheres, alvo de nosso estudo, poderão ser pensadas na complexidade de cada uma, vistas pelas devidas produções a que estão sujeitas. A forma de organização da Matemática foi regida, construída para o homem.

Sendo assim, as mulheres da Educação Matemática operam em um movimento instituinte na produção de subjetividade, algumas traçando linhas de fuga para não se limitarem à territorialização imposta por tais regimes, tornando-se um institucionalizado diante desses padrões.

É sobre a desterritorialização e a reterritorialização que as discussões vêm ocupar seu lugar, por abordarem a questão das transformações ocorridas nas relações individualização, afetos, subjetivações.

O devir em si é múltiplo e heterogêneo, não tem sujeito que difere de si, ele é linha de fuga, definindo-se por estar entre os processos, entre as relações. Nesse sentido, o devir é rizoma:

Devir é um rizoma, não é uma árvore classificatória nem genealógica. Devir não é certamente imitar, nem identificar-se; nem regredir-progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir, produzir filiação, produzir por filiação. Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a “parecer”, nem “ser”, nem “equivaler”, nem “produzir” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.20, grifo dos autores).

Pertence ao campo de imanência do desejo, as multiplicidades moleculares, onde as linhas traçam rupturas que escapam às significâncias e as subjetivações.

Os devires são molares, por estarem sempre ao lado das “minorias”, ou seja não existe devir-homem, pois esse refere-se a substâncias molares, majoritárias, territorializadas. O devir molar e minoritário resulta no fato de serem as mulheres que desempenham sempre os processos de linhas de fuga frente às posições molares segmentárias, isto é, há a resistência a esses processos de subjetivações que subalternizam as mulheres na Matemática.

No entanto não se pode confundir “minoritário” com “minoria”. Esses devires moleculares implicam, por exemplo, o devir-mulher enquanto desempenham processos de linhas de fugas; as camadas molares (“maioria”) são definidas pelos

processos de poder. Não se trata de uma questão numérica, mas, tanto a minoria, quanto a maioria são definidas em função das “molaridades” e “molecularidades”. O molar é atravessado por linha de segmentares, ou seja, estratificado, territorializado, organizado, atribuído, já o molecular é atravessado por afetos.

Portanto, o devir-mulher consiste em linhas de fugas moleculares, que desfazem as significações em que são afetadas pelos movimentos.

Devir-mulher não é imitar essa entidade, nem mesmo transformar-se nela. Não se trata de negligenciar, no entanto, a importância da imitação, ou de momentos de imitação [...] Queremos apenas dizer que esses aspectos inseparáveis do devir-mulher devem primeiro ser compreendidos em função de outra coisa: nem imitar, nem tomar a forma feminina, mas emitir partículas que entrem na relação de movimento e repouso, ou na zona de vizinhanças de uma microfeminilidade, isto é, produzir em nós mesmos uma mulher molecular, criar a mulher molecular (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.59, grifo dos autores).

Por isso, o devir não se trata de fazer parte de identidades formadas por políticas de gênero, políticas determinantes, entre outras, pois o homem também pode devir-mulher, pois devir é trazer a fluidez, ou seja, produzir novas subjetivações diante dessas formas de existir das políticas, “[...] escapam de uma formação molar sem que componentes molares os acompanhem, formando passagens ou referências perceptíveis para processos imperceptíveis” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 92).

\*\*\*

A cada conceito que aprendeu nessa leitura, Laura era impulsionada a pensar sobre sua trajetória como aluna, mulher, professora, pesquisadora, matemática. Não restavam dúvidas de que essa viagem para ela seria enriquecedora. Ao finalizar sua leitura, estava eufórica, precisava de mais. Seu pulsar pesquisadora a inquietava. Não sabia ela que a partir dali, conheceria algumas mulheres, nessa travessia, que a conduziram ao que acabara de ler.

Acabou cochilando ali mesmo e em sonho: Estava dirigindo a 40km/h, acabava de deixar sua filha na escola e pensava em tudo que enfrentou até ali e o quanto desejava um doutorado em Educação Matemática.

Dirigindo, admirando cada lugar que passava e lá no fundo a música no carro tocava: *“Aproveite todas as sensações, sinta a chuva te molhar. E quando o sol chegar, deixa esquentar. Tenha dentro do seu coração, pureza e verdade, o que*

*você transmite, volta com intensidade.*<sup>3</sup> Se tinha alguém que estava aproveitando tudo que conquistou, esse alguém era ela.

E chegando ao seu destino, parou em frente ao prédio da universidade. Olhou aquele prédio e sorriu. Um sorriso acompanhado de um borbulhar de lágrimas em seus olhos... estava onde um dia desejou estar. A imagem foi desaparecendo. Ficando branco. Até que despertou de seu sonho. Uma funcionária estava acordando-a, pois uma nuvem de chuva se aproximava. Olhou no relógio e passava das 02 horas da manhã. Agradeceu e voltou a sua cabine.

\*\*\*

Na manhã seguinte, dirigiu-se logo cedo ao restaurante, sua noite tinha sido incrível, após a leitura, seu sono tinha ficado leve. Imaginou seguindo viagem a bordo de cada conceito da Filosofia da Diferença. E continuaria, agora acordada, e bem ali no restaurante, onde atracou no primeiro porto.

### 3.1 O Porto da Matemática

“Reserve o direito de pensar,  
mesmo se você estiver errado,  
é melhor do que não  
pensar em nada.”  
(Hypátia de Alexandria).

Foi no porto da Matemática que Laura conheceu Carolina. Já a tinha observado de longe, ainda na embarcação. Reparou naquela mulher extrovertida, que subia a bordo com uma mochila nas costas, sempre simpática. Laura aguardando a confirmação de seu nome na lista, ansiosa e ao mesmo tempo observadora, uma das virtudes da qual ela se orgulhava, sempre atenta aos detalhes, não pôde deixar de notar a presença de Carolina. Logo mais saberia que esse era seu nome, mas naquele momento, a reconhecia como a mulher da mochila.

---

<sup>3</sup> Música: Peça felicidade – Melim. <https://www.lettras.mus.br/melim/peca-felicidade/>

Ao entrar no restaurante, Laura passa a vista de um canto a outro e em uma mesa a sua esquerda estava Carolina, sozinha, somente com a companhia de sua mochila e alguns livros. Ficou receosa de se aproximar, mas olhando mais uma vez no salão do restaurante, viu que estava lotado.

Seguiu em direção à mesa de Carolina. “Olá. Posso sentar?” Laura havia assustado a outra com sua chegada repentina. “Sou Laura, uma passageira pesquisadora, embarquei nesse navio da Educação Matemática. E você como se chama?” Já foi ocupando o assento vago, mesmo antes de seu consentimento. Carolina falou e acenou com a cabeça para que Laura sentasse, enquanto fazia algumas anotações em uma agenda.

Laura observou que, ao seu lado, próximo a sua mochila encontravam-se alguns livros de Matemática, e ficou curiosa em conhecê-la, mas a concentração da colega em suas próprias anotações impediam de puxar alguma conversa.

Enfim, ela terminou, fechou a agenda e guardou aos livros. “Desculpa, precisava terminar essas anotações para quando retornar à universidade. Sou Carolina, professora de Matemática”. Acenou mais uma vez, agora em direção aos livros que estavam a sua direita. “Prazer”, estendeu a mão.

Laura se apresentou, também tinha feito licenciatura em Matemática, porém não lecionava, apesar de no momento estar pesquisando na área. E deste ponto em comum, que as conectava, surgiram conversas agenciadoras, passando-se minutos e até horas, sem que percebessem.

Assim Laura conheceu um pouco da história de Carolina.

\*\*\*

Lembro-me que sempre me destaquei em Matemática. Gostava muito de estudar, e essa movimentação em casa, com meus pais que são professores, preparando materiais de aulas, correções, provas, especializações, a vida de quem é professor. Cresci envolvida nesse meio educacional.

As vantagens de ter pais professores era poder estudar como aluna bolsista em escolas particulares, quando eles nelas lecionavam. Havia apenas a exigência de se manter na escola, que era sempre tirar notas acima de sete. Porém não era problema. Sempre me dediquei aos estudos. Gostava de me sentir assim, merecedora de minhas conquistas, mesmo tendo que levar comigo os olhares e

discursos, “Também os pais são professores.” “Se não fosse boa aluna em Matemática.” “O pai é professor de Matemática”. Isso me incomodava de certa forma. Eu sabia do que era capaz.

Tenho boas lembranças de minha infância. Devido ao trabalho do meu pai, que tinha conseguido um emprego em uma instituição pública, nos mudamos para uma outra capital, mas um bairro bastante acolhedor. E foi lá que vivenciei grandes aventuras. Lembro-me das festas comemorativas, as decorações do bairro, as brincadeiras com os vizinhos, as fofocas, as casas da vila, que assim chamávamos, pareciam esculpidas a mão. Nas férias, desfrutávamos de toda vila, com brincadeiras, jogos, ficávamos até tarde na rua. Muitas vezes, voltamos para casa apenas para refeições e banho. Mas à noite nos reuníamos novamente para contarmos histórias de terror.

Quando eu estava no final do Ensino Fundamental, eu tinha em mente que queria fazer escola técnica, aquilo era um desejo que pulsava em mim. Sabe aqueles passeios escolares, em que os alunos são acompanhados pelos professores para uma atividade extraclasse? Um dia nos levaram a um parque e fizeram um teste vocacional. Recordo que eu não quis fazer, porque já sabia o que queria. “Escola técnica” eu falei, e alguns riram de mim.

Não passava por minha cabeça que, para entrar na escola técnica, eu precisaria fazer provas. Eis que começou minha preparação. Meu pai me ajudava muito. Quando falei da minha decisão, no dia seguinte, chega meu pai com um monte de papel na mão, eram provas de anos anteriores, para que eu me dedicasse a estudar os assuntos que eles cobravam. Junto a papai, escolhemos o curso de computação. Naquela época, computação era o auge do momento. Enfim, passei.

No primeiro dia de aula, ao entrar na sala, deparei com 40 garotos e eu era a quarta menina. O curso era muito voltado para a área das exatas, e isso acabava gerando muito preconceito sobre meninas que decidiam fazê-lo. Eu não ligava para isso, estava fazendo o que eu desejava. Infelizmente, apenas eu e minha amiga concluímos o curso, as outras duas garotas desviaram-se do objetivo no meio do caminho.

Recordo-me que, sempre que me dava bem em uma disciplina, tinha aquelas piadinhas: “Se fulaninha consegue, todo mundo consegue”. Não levava muito isso em consideração, fazia o meu. E a maioria das vezes esse tipo de

preconceito disfarçado partia dos professores. E isso não só aconteceu no ensino técnico.

Quando estava no terceiro ano do técnico, que se concluía em quatro anos, já era possível fazer o vestibular. E assim eu fiz. Prestei exames vestibulares para Engenharia Civil na UPE e Matemática na UFPE. O curso técnico era muito voltado à Matemática e, naquele momento, esses dois cursos me chamavam mais atenção. Passei nos dois e precisei decidir qual iria cursar. A opção por Matemática veio pelas seguintes condições: sabia que emprego para professor nunca iria faltar e a Engenharia estava passando por uma crise, muitas pessoas, inclusive meu vizinho tinha perdido o emprego.

Decidida, ou pelo menos achava que sim. Comecei o último ano da escola técnica e iniciei o primeiro período do Ensino Superior, curso de Matemática. Na universidade, era conhecida como a filha do professor Alberto. E mais uma vez vamos lá, ali também estava o preconceito estrutural, começando a perceber as diferenças que existiam entre os meninos e as meninas. Quando fulano tira 10 ele é inteligente, quando fulana tira 10, “É filha de Alberto, ele estudou aqui, a mãe é professora também”. Eu questionava notas. Solicitei ao coordenador para cursar uma disciplina em que tinha sido reprovada em uma outra turma, a de Engenharia. “Você não passou no período da noite, não vai passar no da tarde”. Vivenciei esses e outros preconceitos, mas isso não me fez desistir.

Passei um ano conciliando escola técnica com Ensino Superior. Passava o dia no técnico e, no final da tarde, seguia para a universidade. Até o início da aula noturna, debruçava-me sobre leituras na biblioteca. E confesso que o primeiro período foi muito tranquilo, apesar do cansaço físico. Mas não sabia ao certo se era Matemática que queria.

Quando terminei a escola técnica, estava apenas com o curso superior e comecei a lecionar. E vieram as primeiras frustrações. Muito nova, tinha de lidar com situações inconvenientes. Uma delas, lembro-me, quando um aluno colocou escrito com caneta vermelha, daquelas cuja tinta não sai facilmente. “Carolina gostosa”. Isso acaba mexendo com você, era preciso ter uma postura com que ainda não sabia lidar e me fragilizava com isso. Uma outra situação foi bem turbulenta, e acredito que o despertar para que tomasse essa posição mais firme. Quando comecei a lecionar em uma turma de 5ª ano, era uma turma muito difícil, foi um grande desafio. E em um determinado momento, me senti sem forças, triste,

desmotivada e um professor, colega de trabalho, falou: “Vai procurar outro curso, você é muito nova”. Foi quando parei e dei uma reviravolta, não estava me direcionando às pessoas certas, muitas vezes as pessoas me julgavam pela capa, mas não conheciam minha história. Eu estava ali porque desejava, um dia tomei essa decisão, apenas estava em uma fase difícil, não tinha maturidade ainda para lidar com algumas situações. Aquele discurso não serviu para mim, pensei: “Quem era ele para falar isso?”. Esse episódio foi o estalar de dedos para que acordasse. Comecei a enxergar com mais nitidez, eu gostava de ser professora, estava apenas tomando algumas atitudes erradas, foi quando, no ano seguinte, cheguei à escola mais decidida.

Eu almejava a carreira de professora e não seriam esses discursos que interromperiam meu desejo. E foi na experiência da EJA<sup>4</sup> que o anseio de discutir sobre Educação Matemática surgiu. O curso de Matemática abrangia muitas contas, cálculos, álgebra, limites, não existiam discussões sobre Educação Matemática voltada para a educação básica. Então subi a bordo desse navio e naveguei nas águas da Educação Matemática, onde realizei meu mestrado e meu doutorado.

Atualmente, sou docente e ajudo na administração do laboratório de Matemática da Universidade. Recordo-me de várias coisas que vivi até ali, os desafios, as dificuldades, o preconceito, mas também tudo que consegui agregar de experiência e conhecimento na Educação Matemática. As ocasiões em que precisei juntar dinheiro para comprar um livro. Ou quando precisei ficar na casa de uma amiga, durante um tempo, para fazer meu mestrado.

No entanto aqui estou, poderia mudar a realidade de muitas outras pessoas, este laboratório é minha inspiração, os livros que levei, as ideias que tive para montá-lo, os jogos. Ah!! Os jogos matemáticos. Como é bom estar aqui. Como é bom navegar na Matemática!

“Enquanto as mulheres tiverem essa experiência de sair de casa e ir em busca de novas oportunidades, de liberdade de conhecerem novos caminhos. Que busquem por objetivos e depois por outros mais!” Finalizou enfaticamente Carolina.

---

<sup>4</sup>A Educação de Jovens e Adultos – EJA é uma modalidade de ensino criada pelo Governo Federal que perpassa todos os níveis da Educação Básica do país, destinada aos jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação na escola convencional na idade apropriada. Permite que o aluno retome os estudos e os conclua em menos tempo e, dessa forma, possibilitando sua qualificação para conseguir melhores oportunidades no mercado de trabalho. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/educacao/noticias/tudo-sobre-eja-o-que-e-e-como-funciona>

E se ninguém me der forças?  
 E se ninguém confiar?  
 E se eu for invisível?  
 E se ninguém me enxergar?  
 E se eu Perder a fé?  
 E se eu não ficar de pé?  
 E se eu voltar a cair?  
  
 E se a lágrima escorrer?  
 E se por medo de sofrer,  
 Eu pensar em desistir?  
 E se quando eu cair, ninguém me estender a mão?  
 E se quando eu me perder, sem rumo, sem direção?  
 Se eu não achar caminho, se eu estiver sozinho, no labirinto da vida?

E se tudo for escuro,  
 Se eu não vir futuro na estrada a ser seguida?  
 E se esse tal futuro, for pior do que o presente?  
 E se for melhor parar, do que caminhar pra frente?  
 Se o amor for dor?  
 E se todo sonhador não passar de um pobre louco?  
 Se eu desanimar?  
 Se eu parar de sonhar?  
 Queda a queda, pouco a pouco...  
 E se quem eu mais confio, me ferir, magoar?  
 E se a ferida for grande?  
 E se não cicatrizar?  
 E se na hora da batalha, minha coragem for falha?  
 Se faltar sabedoria? Se a derrota chegar?  
 E se ninguém me abraçar na hora da agonia?

E se for tarde demais?  
 E se o tempo passar?  
 E se o relógio da vida, do nada se adiantar?  
 E se eu avistar o fim, chegando perto de mim?  
 Impiedoso e veloz!  
 Sem poder retroceder, me fazendo perceber, que o SE, foi meu algoz...

E se eu pudesse voltar?  
 Se o SE, fosse diferente?  
 Se eu dissesse pra mim mesmo: Se renove, siga em frente. Se arrisque, se prepare, se cair, jamais pare. Se levante, se refaça.  
 Se entenda, se conheça.  
 E se chorar, agradeça cada vez que achou graça.  
 Se desfaça da preguiça, do medo, da covardia.  
 Se encante pela chance de viver um novo dia.  
 Se ame e seja amor.  
 Se apaixone, por favor!  
 Se queira, e queira bem!

Se pegue, se desapegue.  
 Se agite e desassossegue e se acalme também.  
 Se olhe, se valorize.  
 E se permita errar.  
 Se dê de presente a chance de pelo menos tentar.  
 Se o SE for bem usado, o impossível sonhado, pode SE realizar.

Se<sup>5</sup>


---

<sup>5</sup> <https://www.tudoepoema.com.br/braulio-bessa-se/>

\*\*\*

Ao finalizar sua escrita, Laura contemplava cada palavra dita por Carolina. Admirava sua coragem, sua dedicação à Matemática. É como um filme que criamos na mente, quando se lê algo ou se escuta uma história, assim imaginou Laura sobre Carolina. Suas aulas instigantes. Naquele dia tinha ganhado uma amiga. E justo naquele dia, em que ela veio dar-se conta depois, era o dia dedicado às mulheres<sup>6</sup>.

Agradeceu a companhia e despediu-se. Em breve a encontraria, algo em Laura dizia que sim.

Quando Laura saiu do restaurante, deu-se conta que já passava de meio dia. Tinha ficado tanto tempo conversando com Carolina, que não sentiu a passagem das horas. Percebendo, ao colocar o pé fora do restaurante, a claridade do sol, que a incomodou, olhou para o relógio que marcava 13h30min. Precisava correr. Louise tinha enviado uma mensagem para o seu celular, alguém esperava por ela no Porto da Subjetividade.

### **3.2 O Porto da Subjetividade**

Começar essa história é quase um caso de amor. Não de um amor romântico, consolidado por um padrão ideal da sociedade. Simplesmente de amor: aquele que agrada, desagrada, entusiasmo, que carrega no peito, que aparece, que desaparece. Um amor pela Matemática.

No porto da subjetividade, Laura reencontra Valéria. Tinha a conhecido na universidade, e alguns momentos marcantes na sua graduação aproximaram-nas. Laura, em algumas vezes, precisou levar sua filha para a universidade e durante as aulas de Valéria, era bem recebida, diferentemente de outros professores. Até mesmo quando não estava na sala lecionando, entre encontros nos corredores,

---

<sup>6</sup> O dia Internacional das Mulheres, celebrado anualmente, no dia 8 de março.

ambas conversavam sobre a maternidade e a graduação. Valéria sempre a encorajava a não desistir.

No entanto, Laura não conhecia o percurso que Valéria enfrentou, e como chegou até aquele navio da Educação Matemática. Os processos de subjetividade vividos por ela durante sua vida. Laura não hesitou e convidou-a a fazer parte dessa navegação.

\*\*\*

Ando devagar  
porque já tive pressa  
e levo esse sorriso  
porque já chorei demais.

Hoje me sinto mais forte  
mais feliz, quem sabe  
Só levo a certeza  
de que muito pouco sei  
ou nada sei

Conhecer as manhas  
e as manhãs  
O sabor das massas  
e das maçãs

É preciso amor  
pra poder pulsar  
É preciso paz pra poder sorrir  
É preciso a chuva para florir.

Tocando em frente<sup>7</sup>  
(Almir Sater)

\*\*\*

Nascida em uma cidade pequena de interior. Sua mãe, professora e seu pai, caminhoneiro, o que lhe exigia ficar muito tempo fora de casa, viajando. Cercada de uma família em que todas as mulheres, tanto por parte de pai, quanto de mãe, tinham feito o Magistério, era assim que chamava o curso no Ensino Médio que se destinava à formação de professores do Ensino Fundamental I. Porém apenas uma tia era formada em Matemática e dava aulas na cidade. E sua mãe que, ao se casar, engravidou e só retornou à sala de aula quando Valéria tinha oito anos.

---

<sup>7</sup> <https://www.lettras.mus.br/almir-sater/44082/>

Com uma postura firme e convincente, quando ainda estava no Ensino Fundamental, decidiu ser professora e que lecionaria Matemática. Um dia, ao retornar da escola, falou para sua mãe: “Vou ser professora de Matemática”. Não se lembra ao certo do amor que sentia por aquela ciência, o que havia lhe transpassando naquele dia, não se sabia, mas foi quando surgiu seu desejo. Diante das brincadeiras de ser professora, dos incentivos do seu pai, do convívio com uma professora em casa, sua mãe, esse anseio aumentava.

Terminando o Ensino Fundamental e iniciando o Ensino Médio, queria fazer o Magistério, porém este não existia mais. Então pensou: “Preciso frequentar uma universidade”. Era a maneira como poderia colocar em prática sua decisão de ser professora.

Valéria sempre foi uma pessoa muito programada, planejava e seguia à risca seus planos para atingir seus objetivos. Quando se sentia subjetivada por algo, traçava metas e caminhos. Decidiu que estudaria em uma universidade e, para isso, precisaria concluir o Ensino Médio em uma escola que lhe desse suporte para o futuro curso. Então, saiu de sua cidade e foi até uma outra para cursar o Ensino Médio e, atrelado a ele, vinha o curso técnico agrícola. Soube que muitos alunos que concluíram seus estudos nesta escola conseguiram entrar na universidade. Logo, não tinha objeções, precisava entrar nessa escola. E assim conseguiu.

Durante esse percurso, não se sentia instigada pelo curso técnico agrícola. Ela desejava terminar o Ensino Médio e ir direto para o curso superior, porém sua mãe insistiu e impôs que terminasse, pois assim teria o diploma também de técnico.

Concluiu o Ensino Médio e prestou os exames vestibulares para o curso de Licenciatura em Matemática, conseguindo ingressar na universidade. Suas intenções eram terminar o curso e retornar a sua cidade natal para ser professora e, de alguma forma, ajudar a cidade.

No decorrer do curso, seus objetivos mudaram. Gostava de estudar. Dava-se bem nas disciplinas. Chegavam até ela aqueles tipos de preconceito aberto sobre ser mulher e estar em um curso de Matemática: “Você deveria estar em Pedagogia”, e o preconceito velado: “Você é a reencarnação de Isaac Newton”, por ter muita facilidade nas disciplinas de cálculo. E independentemente desses tipos de preconceitos, seu objetivo era ensinar aquilo que aprendia na faculdade, uma

Matemática mais aprofundada. E isso não teria no Ensino Médio. Então, queria ser professora de universidade e para isso precisaria fazer mestrado.

Era movida por seus desejos. Projetava-os e buscava seguir em sua direção. Antes mesmo de terminar a graduação, pesquisou sobre alguns mestrados que tivessem o direcionamento para uma Matemática menos licenciatura e mais bacharelado. Trabalhou durante um ano como professora para juntar um dinheiro, assim poderia se manter por um tempo. Fez o curso de verão, passando na seleção.

Devido a várias greves, acabou atrasando o tempo de conclusão da Licenciatura, com isso, o início do mestrado acabaria coincidindo com o final da graduação. Sob orientação da coordenação, solicitou a antecipação de provas e da apresentação do seu trabalho de conclusão de curso.

Era sexta-feira, Valéria apresentava seu trabalho, com entusiasmo, algo a que se dedicou, e que precisava concluir, pois agora o pulsar era para o mestrado em Matemática. Ali seria a concretização de um dos seus objetivos. Assim o fez, concluiu e, na segunda-feira seguinte, embarcou no mestrado.

Precisou de mudar-se para um estado um pouco distante do seu. Conseguiu manter-se por um breve período, assim como tinha planejado, mas vieram as bolsas de estudo e conseguiu a sua. No final do mestrado, estava realizada com mais uma conclusão. No entanto sentiu a ausência de conhecimentos voltados para o ensino. Pensou em um doutorado em Educação. Valéria já tinha estudado muitas fórmulas, cálculos, teoremas, definições matemáticas, precisava agora atrelar conhecimentos à área de Educação Matemática. Eis que surge um doutorado não na área de Educação, contudo algumas disciplinas cursadas no mestrado davam um suporte para o acesso ao doutorado.

Foi admitida no programa de doutorado, mas dessa vez não foi algo tão programado, como ela costumava fazer. O doutorado tinha caído como uma luva, mas não estava tão convicta de si. Vieram os impasses. Mesmo cursando todas as disciplinas do doutorado, ficando a tese para ser desenvolvida, alguns problemas surgiram com seu orientador e não existiu a consolidação das ideias. Ele a abandonou em plena qualificação; foi disponibilizado outro docente, que também não teve alinhamento com as ideias de Valéria, mais desencontros. O programa do doutorado orientou que ela saísse e tentasse novamente entrar no curso.

Nesse meio tempo, tinha prestado concurso para uma universidade no interior de Pernambuco e estava aguardando a convocação. Não se apegou à ideia de refazer a seleção do doutorado. Até porque a proposta daquele doutorado não era mais o que desejava, pois realmente queria ir para a área de Educação Matemática. Retornou à casa de seus pais e aguardou a convocação, que durou um mês. Foi quando se deu conta de que iria realizar o que desejava: ser professora de Matemática de Universidade.

E novamente o amor. Agora, o amor tinha forma e nome, Gabriel. Conheceu-o durante um congresso em um outro estado distante do seu. Ele morava ali, ela a mais de sete horas de distância da cidade onde lecionava e morava. Ele professor, ela professora. Entre conversas a distância, a aproximação. Quando surgiu a oportunidade de transferência da instituição em que dava aula para a do seu amado, não hesitou. Casou-se e tiveram dois filhos.

Continuou a fazer o que um dia desejou, ser professora de Matemática, e docente de universidade. Amava o que fazia. Amava sua família. Estava no lugar certo. O doutorado não estava fora de cogitação. Nessa navegação, ainda não seguiu essa rota, mas o desejo pulsava em si.

“A falta de reconhecimento das mulheres na Matemática me entristece, a falta de reconhecimento embasa aquele preconceito: ‘Aqui é lugar de homem’, ‘Homem é que trabalha com Matemática’ e essa discriminação vem do histórico de submissão, de opressão das mulheres dentro da ciência. Precisamos desse reconhecimento. Precisamos de mais mulheres dentro da Matemática!” Dizia Valéria.

### **3.3 O Porto do Regime de Verdade**

Se foi conspiração, o acaso ou não, o universo, o destino, não se sabe. Mas o encontro de Laura com Nicole, nessa viagem, a conduziu ao encontro do resistir, da rota de fuga, de dobrar a força diante do regime da verdade e seguir viagem.

O pai de Nicole era professor de Matemática. Sua mãe, após se casar com seu pai e, sob influências dele, cursou Biologia e começou a ensinar. Em sua infância, teve muito forte a questão do meio educacional. Não brincava de ensinar, ensinava de verdade. Sendo a prima mais velha da família, ajudava seus primos a

executar as atividades, quando tinham dúvidas. Eles iam até sua casa para esclarecer as dúvidas com seu pai, porém ele sempre a encorajava para ensiná-los. E auxiliava o seu irmão caçula nas atividades da escola.

No Ensino Médio, ela tentou a escola técnica, mas não conseguiu entrar, seguindo para o Magistério e a contabilidade. No ano seguinte, tentou novamente escola técnica, tendo sido aprovada, abandonou o Magistério. Quando terminou a contabilidade, estava no segundo ano da escola técnica, já podendo fazer seu primeiro vestibular. Então, tentou para o curso de Engenharia Elétrica. Não passou. Dedicou-se à escola técnica a fim de concluí-la.

Terminado, prestou vestibular para Ciências da computação em uma universidade particular; naquela época, era um dos cursos mais caros por estar no auge esta profissão. E também prestou exames para o ingresso em Matemática. Havia pensado mais em cursos que fossem das áreas de exatas, tinha muita facilidade e seu pai a incentivava. Tendo sido aprovada para os dois cursos, precisava decidir. E por uma questão financeira, optou pela Matemática, que era em uma universidade pública e seu pai não precisaria comprometer mais da metade de seu salário, caso ela seguisse para a computação.

Iniciou o curso de Matemática. Tinha em mente que, caso não se identificasse com os conteúdos do curso, sairia e começaria o de computação, em que a chamada era para o segundo semestre. Mas continuou. Estava identificando-se, apesar do primeiro impacto que teve ao entrar na sala e deparar com uma turma praticamente masculina, pois só tinha ela e uma outra menina. Não estava muito convicta de ter feito a escolha certa, porém a Matemática veio bater mais forte, como um desejo pulsante, quando apareceram os estágios, as aulas em laboratório, o ensino em sala de aula.

Entretanto o caminho que vinha percorrendo não fora forrado de flores. Desde a graduação, existiam muitos preconceitos. Na graduação e no mestrado, a turma era quase toda de homens, havia apenas duas mulheres com ela. Na graduação, apareciam aquelas falas: “Olha, ela acertou” e, no mestrado, quando ela tirou a maior nota da turma em uma disciplina de cálculo, causou uma revolta muito grande em um colega de sala. Ele ficou indignado, inconformado: “Como é que pode a maior nota ser dela”, e isso era expressado sem nenhum respeito a ela. Precisou sempre dobrar sua força e escapar desses discursos para então prosseguir.

Entre idas e vindas. Foi assim sua vida, quando terminou a graduação. Dava aulas em escola particular e pública. Depois de um tempo, pediu afastamento e seguiu seu esposo para outro estado a mais de 2 mil km de distância, pois ele havia passado em um concurso. Lá entrou no mestrado e as lutas continuavam, vieram as disciplinas e também a gravidez, precisou conciliar ambos e era bem difícil. Ela precisava dar atenção à filha, que ainda era bebê e cursar as disciplinas. Embora tivesse o apoio do esposo, muitas coisas dependiam dela, a amamentação por exemplo. Então, em consequência, vieram as reprovações, as noites de choro, de insegurança, de frustrações. Em meio a tudo, conseguiu concluí-lo.

O doutorado veio em seguida, no momento em que estava de malas prontas para voltar a sua cidade natal, onde havia passado em um concurso público para professora universitária. Retornou. Passou seis meses trabalhando como docente na universidade e pediu licença de um ano para cursar as disciplinas do doutorado. Voltou à universidade para lecionar, o que durou um ano e meio e pôde colocar em prática a proposta do seu projeto. Voltou mais uma vez a dedicar-se inteiramente ao doutorado em um período de um ano e meio para sua conclusão.

Todas essas idas e vindas, os discursos de verdade que vivenciou durante sua vida acadêmica, enquanto aluna, professora, mestranda, doutoranda, causaram-lhe muitas exigências e cobranças, de forças externas, que a conduziam a exigências que vinham de si mesma: de que não conseguiria, que não era seu lugar, de ter que conciliar a vida de mãe e pesquisadora sem apoio institucional. No entanto, mesmo enfrentando tanta desmotivação, ainda que com tantas dificuldades, aprendeu a procurar uma rota de fuga, ergueu a cabeça e seguiu.

Na viagem, no encontro com Laura, Nicole ainda estava no processo de conclusão do doutorado. Agora estava mais forte. Sabia lidar com toda essa situação. Resistindo e continuando. E dedicava-se a defender sua tese; entre encontro e desencontros, estava se moldando. Laura manteve o contato com Nicole, e soube em seguida que ela havia defendido sua tese, tinha concluído o doutorado.

“Existe um certo preconceito de que mulher não dá conta. E esse preconceito não se rompe de uma hora para outra, é algo lento, devagar, que precisa ser cortado. A questão é que não há estímulo, encorajamento para as mulheres que estudam Matemática. Falta incentivo, falta oportunidade. A demanda da mulher é muito grande, o homem tem maior liberdade”. Essa foi a fala coerente de Nicole.

Ando tão feliz esses dias  
tão otimista  
sorridente e decidido  
Mesmo que o pior aconteça  
levo dentro da cabeça  
pensamentos positivos

O que passou, passou  
E eu sigo em frente  
sem sofrer, nem reclamar  
A gente só tem essa vida pra viver  
Não vou desperdiçar

Quem me viu chorar por aí  
hoje nem vai me reconhecer  
A velha tristeza serviu  
pra fortalecer

Quem me viu chorar por aí  
O céu abriu e não vai mais chover  
Eu só vivo a sorrir pro mundo e pra você  
Quem me viu e quem me vê

Ah, quem me viu  
Ah, quem me vê  
nem vai me reconhecer.

Quem me viu<sup>8</sup>  
(Melim)

### 3.4 O Porto da Docência

“Admirava a liberdade que tinham para a expressão da sensibilidade, achava que era como uma permissão para ter a alma à solta, autorizada a manifestar-se pela beleza ou pelo espanto de cada coisa. Estava autorizada à sensibilidade que fazia da vida uma travessia mais intensa. As mulheres, pensava ele, eram mais intensas.”  
(O filho de Mil Homens – Valter Hugo Mãe)

Era dia e a próxima parada dessa navegação seria no porto da Docência. Quem conduziria Laura nessa aventura era Soraia. Laura a conheceu em uma outra viagem, transitando na Filosofia da Diferença. Realizaram algumas pesquisas juntas, mas algo mais lhe seria apresentado nessa nova viagem. Essa parada transcorrerá no Devir-docente de Matemática, guiando-nos através dos movimentos.

---

<sup>8</sup> <https://www.lettras.mus.br/melim/quem-me-viu/>

\*\*\*

Reunidos na mesa, um momento em família. Sempre nos almoços e nos jantares, estavam todos juntos para a refeição, pai, mãe, Soraia e os irmãos. Soraia quebra o silêncio: “Vou cursar Matemática”. O pai, não muito convicto, e com um ar de desdém, deu um sorrisinho de lado e disse: “Não vai ganhar dinheiro”. O irmão caçula, em um tom alto, soltou a gargalhada, sua irmã do meio ficou surpresa, porém com os olhos de quem tinha gostado da ideia, pois era professora. Sua mãe, ah! sua mãe, nela sempre encontrava o maior apoio. Seu pai nunca falava abertamente, mas esperava de Soraia, muito além do que esperava de seus irmãos. Imaginava-a como uma futura médica, doutora da família. Sua mãe pensava que ela seria uma ótima advogada, ou uma policial federal, pois gostava muito de ler, e tinha seu lado defensor, sempre estava à frente dos seus irmãos, quando queriam reivindicar algo em casa. Porém, diante de qualquer decisão, Soraia teria o apoio de sua mãe.

Soraia já estava cursando uma graduação de Arquitetura, mas algo nela pulsava em desejo para a Matemática. E foi justamente durante o curso de Arquitetura, em uma disciplina de Matemática, que um grupo de alunos se reuniu para estudar. Soraia sempre tendo êxito na disciplina, foi a escolhida para ajudar nas dúvidas dos colegas. Naqueles momentos, com o giz na mão diante do quadro, apresentando fórmulas e as resolvendo, compreendeu que gostava de ensinar. Não soube descrever a sensação que sentiu, estava feliz, fascinada. Pensou no quanto tudo aquilo era encantador para ela.

O dever-docente de Matemática não tinha começado ali. Ainda criança, Soraia sempre demonstrava afeições, brincava de ensinar aos seus irmãos. Em um final de dia, quando sua mãe chegava, retornando do trabalho, encontrou Soraia, com um livro em sua mãozinha, ainda pequena, não conseguia apoiá-lo completamente nela, mas ali estava, ensinando a sua cuidadora algumas palavras. Na adolescência, em um grupo da igreja, realizavam atividades com moradores de algumas comunidades, e nelas, Soraia tinha a missão de ensinar; entre contas e fórmulas, o dever vinha caminhando.

Recebia alguns olhares de reprovação. E aquilo não a afetava. Precisava tomar uma decisão. Partiu para a licenciatura em Matemática, mesmo ainda cursando Arquitetura. Foi algo não muito planejado; mesmo ansiando trabalhar com

Matemática, prestou o exame vestibular sem ter estudado o suficiente e passou. Durante dois anos, conciliou os cursos de Arquitetura e Matemática. E cada vez mais, o encantamento pela Matemática surgia e a Arquitetura se distanciava.

Vieram alguns contratempos. Não era bem assim que Soraia tinha imaginado, no entanto estava sem dinheiro. No terceiro período, ela conseguiu uma vaga para dar aulas, como estagiária, em uma escola pública estadual. Em meio às frustrações de sala de aulas lotadas, remuneração baixa, estava cansada. Desistir? Pensou. Todavia não considerou, buscou uma rota diferente. Conseguiu um estágio na área de Arquitetura e se agarrou a ele.

Todavia as exigências de ambos os cursos eram muitas, precisava levar trabalho para a casa. Não poderia deixar nada e ninguém na mão. Estava presa com eles: Arquitetura ou aulas na escola estadual. Novamente, o desejo pulsava dentro de si, mesmo sabendo que, infelizmente, diferentemente da docência, a valorização e o salário seriam maiores em Arquitetura. Mas uma vez pensou: “desistir?” Dessa vez sim, mas de Arquitetura.

A Arquitetura ficou de lado. Em um lado que não pretendia retornar mais. Estava feliz pela decisão. As aulas na escola estadual e o curso de Matemática eram o que a completava.

Quando concluiu a graduação, ainda estava lecionando na escola estadual, porém, por mais que gostasse, não queria ficar ali por muito tempo. Sabia que caso se acomodasse, se tornaria alguém que tanto ela reprovava, o tipo de professor “padrão”, “tradicional”, satisfeito e que não se sente instigado em modificar a aula.

Soraia, mesmo gostando dos desafios e de lecionar na educação básica, não se sentia estimulada. Precisava buscar algo novo. Fez algumas especializações. Decidiu fazer mestrado. E fez, na linha de Aprendizagem Cognitiva. Não compreendia tanta dificuldade que alguns alunos sentiam e o temor que tinham em relação à Matemática, enquanto outros não. Sentiu-se realizada com a pesquisa feita. Mas não foi suficiente para ela, precisava de mais.

Em uma procura angustiante, começou a pesquisa sobre universidades que seguiam sua linha de mestrado para iniciar um doutorado. Em meio às suas inquietações, encontrou uma universidade no interior de um outro estado, com mais de 2 mil km de distância do seu. Enviou seu projeto para quase todos os professores. E várias recusas vieram.

Entretanto, em um dia, quase sem ânimo à espera de uma resposta positiva, viu em sua caixa de e-mail mais um retorno, abriu, porém sem muita confiança. “Mainha, me aceitaram!”, falou Soraia, pasma. O e-mail vinha comunicando um interesse do professor pela sua temática, mesmo que a pesquisa dele fosse de encontro ao que ela estudava, percebeu nela um desafio.

O professor, que posteriormente seria seu orientador de doutorado, mostrou-lhe os autores com quem trabalhava: Foucault, Deleuze, Rolnik, Guattari. “Quem?”. Nunca tinha ouvido falar. Pois bem, precisava fazer um trabalho envolvendo-os em sua pesquisa para reenviar o e-mail para o professor.

Quarenta e oito horas. Foi o tempo que Soraia gastou para concluir seu trabalho e enviar ao professor, ansiosa por seu retorno, queria saber sobre a próxima etapa da seleção. Essa resposta não veio. Os dias passando, preocupação, ansiedade, não tinha nenhum retorno em seu e-mail. Enfim, resolveu mandar um novo e-mail. Queria saber as próximas etapas da seleção.

O doutorado pelo qual ela havia se interessado era uma realidade muito diferente do que ela pensava, e do que a maioria é. Era totalmente fora “da caixinha”, de padrões. E só veio perceber no retorno do e-mail:

“Soraia. O nosso doutorado foge a realidade de muito outros. Você não é selecionada. Não está nos nossos princípios medir ou selecionar conhecimentos. Você já faz parte do doutorado, sua proposta de pesquisa nos desperta inquietudes. Seja bem vinda!! Atenciosamente, Correia.”

Ao mesmo tempo em que chegava o doutorado, o chamado de um concurso que fizera para professora universitária, no interior do estado em que morava, também aconteceu. E outras inquietações surgiram à medida que adentrava nos conceitos da Filosofia, discutidos em seu doutorado.

Desconstruiu identidades e embarcou na Filosofia. E junto com um grupo de alunos graduandos, da universidade em que lecionava, adentrou no devires professores de Matemática, dando significação a sua tese de doutorado, que havia ganhado nova roupagem. Concluiu o doutorado e algo já lhe conduzia para o pós-doutorado.

Na sala de aula da Universidade, agora não mais como aluna e sim professora, doutora. Não havia realizado o sonho do pai, mas era doutora em Matemática. Sentiu-se confortável. Estava feliz. Novos caminhos surgiam, novos

desejos, inquietações, seu pulsar pesquisadora, ansiava por uma nova rota. Devir-docência não tem começo, meio e fim.

“O desejo sempre foi o de poder fazer algo por alguém. E esse desejo vem sendo diariamente satisfeito a partir do momento em que optei pela Matemática, quando escolhi ser professora de Matemática.” Falou apaixonadamente Soraia.

#### 4 O HORIZONTE MOVENTE: UM DIÁLOGO ENTRE AFETAÇÕES E ANGÚSTIAS DE MULHERES DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

“[...] os ventos que lutavam  
Como touros indómitos bramando,  
Mais e mais à tormenta acrescentavam [...]  
Relâmpagos medonhos não cessavam,  
Ferozes trovões, que vêm representando  
Cair o céu dos eixos sobre a terra,  
Consigo os elementos terem guerra [...]”

Luís Vaz de Camões<sup>9</sup>  
(Instituto Camões, 2000-1572)

Raios e tempestade. O mar agitado, os abalos das ondas fazem tudo balançar. Os encontros inesperados, imprevistos, as afetações<sup>10</sup> e as angústias, é o horizonte movente. O horizonte movente é caos, multiplicidade, fluxos, devir.

Foi quando estava em sua varanda olhando o horizonte do mar igualar-se com o céu que Laura teve a brilhante ideia de reunir todas essas mulheres.

Um café improvisado era a primeira providência a tomar, decidiu Laura. Ela passou horas caminhando no navio e decidiu fazer um convite a cada passageira dessa navegação. Passando nas cabines, Laura convidava cada passageira para uma roda de diálogos, uma maneira de celebrar cada história e conhecer mais um pouco de suas trajetórias.

Chegaram a sua cabine às cinco e meia. Laura já havia preparado a varanda de seu quarto para recebê-las. Ali estavam elas, Carolina, Nicole, Valeria e Soraia. Laura apresentou-as entre si.

O que as quatro tinham em comum? Eram mulheres da Matemática, vivenciaram situações angustiantes e seus desejos as impulsionaram a não desistir. Foram afetadas em suas decisões pelo desejo da Educação Matemática. Laura queria ouvi-las mais. Precisava de suas experiências para seguir nessa viagem.

Laura, um pouco tímida, estava na presença de grandes mulheres, cujas histórias lhe foram contadas permeadas por memórias afetivas. Sentia agora que

<sup>9</sup> <http://www.jornaldaeconomiaomar.com/da-poetica-dos-mares-3/>

<sup>10</sup> “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída” (Ética III, Def 3). Disponível em: <https://razaoinadequada.com/2014/07/15/espinoza-origem-e-natureza-dos-afetos/>

elas faziam parte da sua própria história. Ficou meio sem graça. E enquanto o serviço de quarto colocava na mesa algumas comidas e bebidas enviadas pela comandante, Laura observava cada mulher ali presente.

Ao seu lado direito, estava Soraia, que trocava conversas com Valeria. Ambas falavam sobre família, filhos, ensino e como faziam para lidar com tudo aquilo. Já haviam lecionado na mesma universidade, ali se reencontraram. Colocavam os assuntos em dia.

Bem a sua frente, estava Carolina, simpática e um olhar concentrador ao falar, às vezes era incluída nas conversas entre Soraia e Valeria. Estava ali, mas poderia estar em qualquer lugar, pois seus pensamentos nunca a deixavam quieta, sempre estava pensando e bolando uma nova ideia, ou até mesmo refletindo e se questionando sobre algo.

E ao seu lado esquerdo, estava Nicole, um pouco distraída e distante dali, por um momento, enquanto a mesa era posta pelo serviço de quarto. Pegou o celular e o digitar ligeiro e, sem pausa, fazia notar que algo não estava saindo como tinha planejado. Após algumas mensagens digitadas, respirou fundo e aliviada, algo tinha voltado aos eixos.

Laura, sem querer, e já interferindo, assim que o serviço de quarto saiu, convidou-as a se aproximarem. E antes mesmo que se acomodassem, começou a questioná-las sobre a inserção das mulheres na Matemática. Queria saber se teriam vivido alguma desigualdade durante a graduação e na sociedade, quando diziam que estudavam (ou lecionavam) Matemática.

Nicole logo começou:

– A Matemática sempre foi vista como um campo de predominância masculina, e embora as mulheres estejam tomando espaço nesse campo, existe muito preconceito. Sempre vai existir, enquanto as mulheres não se posicionarem e não aceitarem o lugar que predeterminaram para que elas ocupem, e sim ocuparmos o lugar em que elas/nós desejam/desejamos estar.

Caroline aproveitou o breve silêncio de Nicole e emendou:

- As histórias de mulheres matemáticas foram esquecidas ao longo do tempo, ainda que conheçamos Hipátia, Emmy, Sophia, e tantas outras, quando as mencionamos no nosso ambiente de trabalho, percebe-se que não são conhecidas como muitos matemáticos homens.

Valéria cochichava algo com Soraia, enquanto um silêncio pairava sobre aquele ambiente. Então Valéria manifestou-se:

- Já deparei com escolas que só permitiam homens lecionando Matemática no Ensino Médio. De modo geral, percebo que ainda nos defrontamos com indivíduos que acham que disciplina de cálculo precisa da presença masculina para ser “bem melhor” trabalhada. Gera um desconforto no ambiente educacional. É como se precisássemos comprovar o tempo todo o que sabemos e que não estamos ali por “arrumadinho”. É desolador conviver provando para todos, gestão, colegas de profissão, alunos, família, que não escolhemos a profissão considerada errada por sermos mulheres.

Terminava a frase com a voz embargada e os olhos com um brilho de lágrimas que cogitou em cair, não queria que aquilo a fizesse chorar. E essa tensão foi logo quebrada por Carolina, que se levantou bruscamente da poltrona que estava, fazendo assustar todas que ali estavam. Indignada e resmungando algumas palavras, começou:

- É disso que falo, as mulheres podem e devem ocupar os espaços que quiserem. Seja onde for. Na Matemática não é diferente. Precisamos, sim, de mulheres determinadas que estejam dispostas a se dedicarem a esse universo matemático, de pesquisa, estudo, e principalmente enfrentar esses discursos que Matemática não é espaço para mulheres.

Soraia, também incomodada com as situações vivenciadas pelas outras ali presentes, pegou a deixa e acrescentou:

- Eles procuram testar nossos conhecimentos, pelo menos foi isso que aconteceu comigo. E mais surpreendente para mim, foi quando comecei a ensinar em uma escola particular, em que no decorrer da existência dela, só homens haviam ministrado aulas de disciplinas exatas. Os alunos e até a escola ficaram surpresos quando provei que mulheres também podem lecionar Matemática, Física, Química. Podemos lecionar o que quisermos.

Laura ficou perplexa e um tanto constrangida em ter provocado aquelas reflexões com sua pergunta inicial. Percebeu que tinha causado um certo incômodo entre elas, não pelo fato de que não quisessem falar sobre a questão sexista, mas por terem vivenciado situações constrangedoras e expor isso as fazia reviver momentos difíceis.

Valéria, ao notar a cara de espanto de Laura, e como também tinha ficado sem graça, interveio:

- Todo esse desabafo é uma forma de mostramos a outras mulheres que estamos em um mundo que foi construído para os homens, com regras e regalias que só a eles são direcionadas, porém estamos aqui para provar o contrário, que, nós, mulheres, podemos e devemos assumir nossos desejos, sem deixar outros interferirem e nos diminuírem. Devemos mostrar e ser exemplos para muitas outras mulheres.

No decorrer do encontro, algumas outras reflexões foram expostas pelas convidadas. Nicole partiu para a questão da subalternidade feminina:

- Seja na graduação, na sala de aula, entre alunos ou colegas de ensino. O que eu vejo em algumas situações é a ausência de encorajamento às mulheres. Já trabalhei em algumas escolas, onde as garotas se achavam inferiores aos meninos quando se tratava de cálculos matemáticos. Assumiam aquele papel de que era difícil, que não compreendiam e que eram contas para os meninos.

- E não só no Ensino Fundamental e Médio, na universidade, por exemplo, alguns professores dão mais atenção aos trabalhos dos rapazes. Acabam ensejando uma concorrência entre os representantes dos dois gêneros, porque os homens sempre buscam aprovação e a sociedade os coloca num patamar superior ao das mulheres. - Completou Valéria.

Laura comentou:

- É triste e real. Lembro que, em minha graduação, existia isso de professores darem mais atenção aos homens. Embora houvesse uma mulher na sala que superava todos eles. E era notória a insatisfação de alguns, sentindo-se inferiores a ela.

Aquele momento precisava de uma pausa para um café, uns petiscos... Principalmente para que todas ali pausassem um pouco suas reflexões sobre as afetações e angústias vividas. Porém, não era isso, uma pausa, que as fazia parar por um momento. Elas não queriam. E muito menos Laura.

Laura sugere que tomem um café. Nicole levanta-se e informa que precisava responder algumas mensagens. Valéria direciona-se ao café e à mesa posta com aperitivos. Soraia e Carolina aproximam-se ainda mais da varanda. O mar agitado parecia comungar com as mesmas afetações e angústias delas.

Um breve silêncio pairava até ser quebrado por Soraia:

- Por ser mulher, percebo que há muitas questões sociais relacionadas com acesso às oportunidades. Em uma sociedade dominada por homens. Em uma sociedade construída para os homens. Quando olho para minha vida, percebo que queria ser professora de Matemática, mesmo antes de tomar a decisão, em minhas escolhas e ações. No entanto tive de ver como o mundo ao meu redor reagia ao meu desejo. E o que posso dizer é que o fato de querer ser professora e de Matemática era, sem dúvida, o caminho de maior resistência através das forças da sociedade. Eu queria fugir e estar fora de paradigmas e expectativas das pessoas.

As palavras de Soraia fizeram aproximar as demais passageiras dessa navegação. Era o que discutiam e não cansariam de discutir. Precisavam dar, à sociedade, visibilidade das suas forças e resistências e dos discursos que tentam excluí-las do meio social.

Nicole retorna de suas mensagens e ligações, falando:

- É difícil você conseguir conciliar o curso acadêmico, pesquisa, ensino, família e principalmente filhos. Eu nunca tive apoio. E quando falo isso é exclusivamente da universidade. Quando ingressei no mestrado, estava grávida e não tive apoio institucional, nenhum acompanhamento enquanto gestante. E não difere muito da realidade de muitas estudantes. Algumas desistem do curso por não terem apoio.

Ela se desculpa por ter interrompido a conversa. Mas já abria uma nova discussão. A maternidade também era mais uma “função padronizada” dada pela sociedade como inteiramente exclusiva das mulheres.

Aquele assunto foi bastante tocante em Laura. Ela sabia o quanto foi difícil sua gestação enquanto estava na graduação, e após também, por isso deu seu depoimento:

- Existiam muitas incertezas, medos, angústias, não sabia se daria conta. Mesmo que minha família ajudasse, e refiro-me aos meus pais e irmãs, pois o pai da minha filha na época não me ajudava suficientemente. Às vezes precisava estar com ela nos braços, amamentando e estudando. O tempo livre não existia. Enquanto bebê, se estava dormindo, eu precisava adiantar as atividades do curso, quando estava acordada, era dedicação total a ela. Hoje, não posso dizer que ainda disponho de tempo livre, mas priorizo e organizo meu tempo. Ela e eu juntas.

Apoiamos uma a outra, somos amigas, confidentes e nos ajudamos. Ela me dá o equilíbrio, me dá o motivo de não desistir.

E finalizando as palavras, as lágrimas de Laura não se importaram de cair.

Elas se entreolhavam naquele ambiente. Mesmo sem que algumas tenham vivenciado a maternidade, compartilhavam algo que as aproximava.

Valéria, sendo mãe de dois filhos, completou:

- Minha primeira gestação veio quando estava dando aula na universidade. Meu mestrado havia sido concluído e o doutorado tinha sido deixado um pouco de lado, não difere dessa realidade. Conciliar essa nova fase da vida é um desafio. Por mais que se tenha apoio e, no meu caso, eu tenho muito, e nem diria apoio. Eu e meu esposo partilhamos da mesma concepção de que ambos são os pais e não sobrecarregamos um ao outro. Na minha primeira gestação, o retorno após o nascimento do meu filho foi um momento muito delicado, eu estava fragilizada e o retorno à pesquisa também causa incertezas. Minha segunda gestação veio com um ano e meio de intervalo do meu primeiro filho. Esse tempo de dedicação à maternidade torna quase impossível, para a pesquisadora, produzir algo. E isso aconteceu comigo. Existe uma brecha em meu currículo nesse período e um pouco depois também, relacionada às pesquisas. É complicado conciliar, mas para o meio científico, essa brecha acaba causando negatividade em nosso currículo.

O tempo parecia que estava correndo a todo vapor. Havia se passado mais de quatro horas de diálogos e, mesmo estando tarde, nenhuma se sentia cansada daquele momento de partilha. Contudo precisavam terminar a conversa. Na manhã seguinte, Laura não sabia o que a aguardava, porém sabia que a comandante não deixaria terminar essa viagem sem mais uma surpresa.

O acompanhamento desse encontro mostrou para Laura que, tanto as mulheres ali presentes, como outras mulheres que passam ou passaram por situações parecidas podem estabelecer uma rota de fuga, um desvio no caminho. Essas trocas de vivências nem sempre explícitas e, portanto, muitas vezes desconhecidas, e conseqüentemente não valorizadas, precisam acontecer na universidade, nas escolas, nas sociedades.

Foi o que pensou Laura naquela despedida. Ao agradecer cada uma por suas discussões. Cada passageira tinha deixado uma marca. Fechando a porta de sua cabine, sentou-se na poltrona que ficava de frente. Seu olhar fixado na porta,

pensava: “Em muitas falas, parecia que elas agiam como tradutoras para a minha, falando algo que também passei, algumas vezes parecidas, outras me via em suas histórias”.

“Se quisermos um mundo melhor,  
Teremos de inventá-lo, já sabendo que  
conforme vamos nos deslocando para ele,  
ele vai mudando de lugar. À medida que nos movemos  
para o horizonte, novos horizontes  
vão surgindo, num processo infinito.  
Mas ao invés de isso nos desanimar,  
é justamente isso que tem de nos botar,  
sem arrogância e o quanto antes, a caminho”.  
Veiga-Neto<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Fonte: Alfredo Veiga-Neto, 2014, p. 26.

## 5 PRÓXIMA PARADA: PASSADO

Figura 2 – Navegação.



Fonte: Google imagens (2021).

“Embora estivessem no mesmo barco, as maneiras de remar podiam perfeitamente ser diferentes”

Caio Fernando Abreu<sup>12</sup>

Sentada na varanda de sua cabine. Toc, Toc...Toc, Toc, o serviço de quarto batia na porta. Uma solícita funcionária do navio trouxe-lhe mais um convite da comandante. Como sua amiga sabia que Laura era pesquisadora, matemática, fazia-lhe um convite a conhecer algumas cabines, que um dia acomodaram passageiras, e assim como as passageiras que Laura havia conhecido, eram mulheres matemáticas nesse navio da Educação Matemática.

Durante essa viagem, ela conheceu algumas professoras da Educação Matemática “da vida real”, desse tempo presente. Muitas recordações apareceram como um estalar de dedos em suas lembranças enquanto aluna, matemática, pesquisadora. Muitas outras histórias poderiam ter seguido nessa viagem, mas a direção a levou a quem deveria dessa vez embarcar.

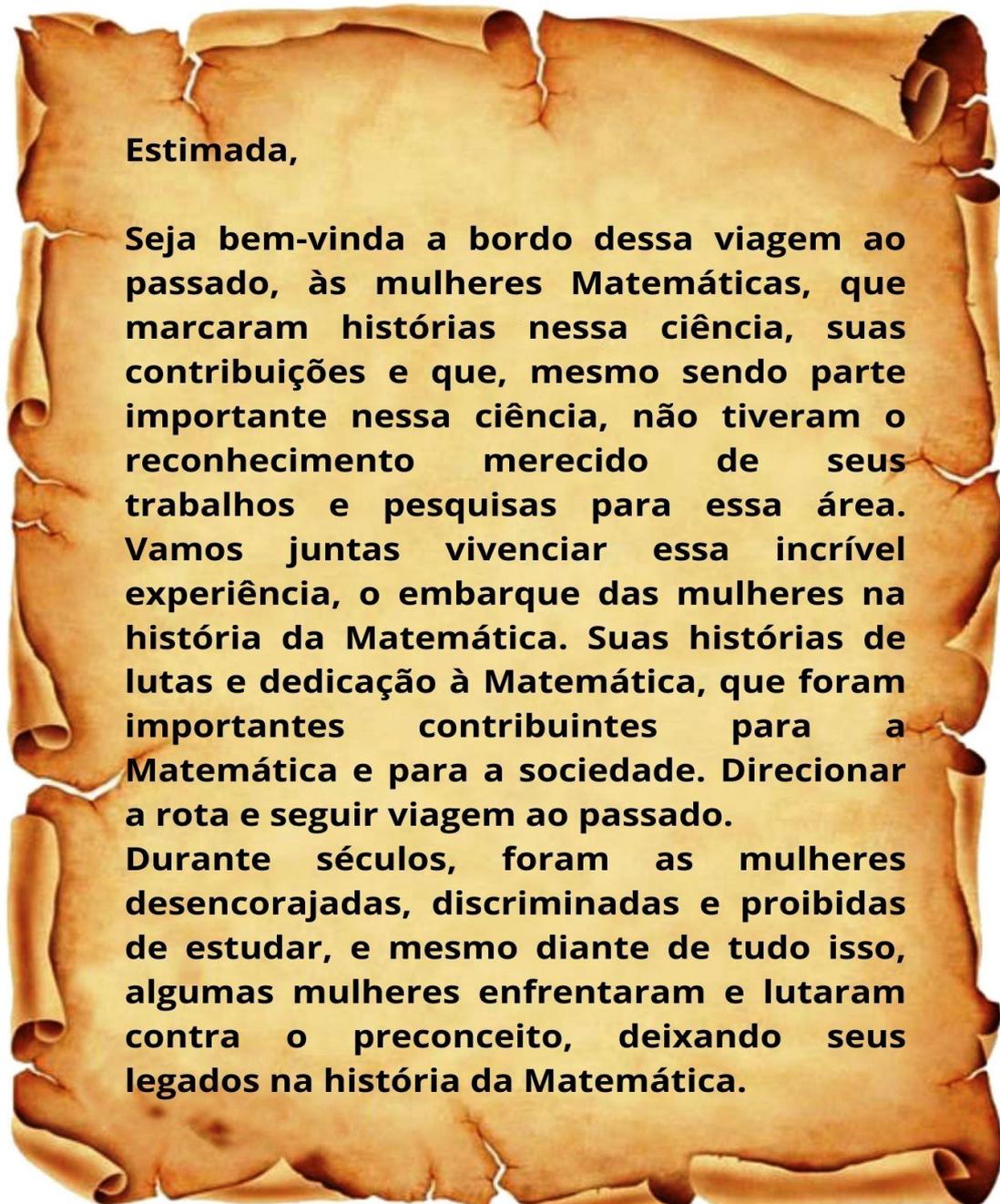
---

<sup>12</sup> <https://kdfrases.com/frase/94919>

De fato, ela não conhecia histórias de mulheres na Matemática do passado, não recordava de ter ouvido ao menos falar, durante sua graduação, sobre elas. Ficou ansiosa para saber o itinerário desse embarque.

O convite:

Figura 3 - Convite ao passado.



\*\*\*

Por um momento, Laura ficou paralisada, com seus pensamentos retrocedendo a algum lugar do passado, lembrando-se da sua primeira incursão ao mundo da Matemática. E como toda primeira viagem sempre dá aquele frio na barriga, não foi diferente para ela, jovem de 21 anos, que acabava de embarcar no mundo da Matemática. Carregava a timidez, a ansiedade e as incertezas que esse itinerário traria.

De início, não pretendia seguir a área de educação, via a Matemática como um curso que possibilitaria outros caminhos, os concursos públicos. E entre a oferta de outros cursos, a Matemática sempre lhe chamava atenção, foi quando fez seu primeiro exame vestibular. Mesmo ficando entre os classificados e na lista de espera, não conseguiu entrar. Não tinha sido dessa vez.

No ano seguinte, uma outra oportunidade surgiu, um novo vestibular foi aberto, ela insistiu novamente, dessa vez tinha mais certeza que seria Matemática. E por essa ocasião, o resultado foi diferente. Ansiosa o dia todo esperando o resultado no site, deixara a página aberta apenas para recarregar. A cada minuto que passava, a página era recarregada, o *click* tornava algo desesperador e constante, até que a lista saiu e lá estava seu nome.

Despertou dos seus pensamentos em um susto, interrompidos pelo apito do navio, tantãããã!

\*\*\*

O navio sinaliza tantãããã, tantãããã. O primeiro sinal do apito para informar que a próxima parada se aproximava. O diário de bordo seria aberto, estejam todos prontos a essa viagem ao passado. A cada cabine aberta estariam presentes grandes personalidades da Matemática.

Figura 4 - Cabine do navio – Passageira Hipátia.



Fonte: A Autora (2021).  
Nota: Editada do Google imagem.

Na cabine 370, encontrava-se Hipátia (360 d.C. – 415 d.C.)<sup>13</sup>, uma bela moça solteira, nascida em Alexandria, no Egito, embarcava nessa viagem matemática, devido a incentivos de seu pai, Theon, um matemático, filósofo, astrônomo e diretor do museu de Alexandria.

Dedicada à Matemática, e a sua vida ao trabalho científico. Estudou na escola neoplatônica, Atenas, Grécia; em seguida, regressou à Alexandria para tornar-se professora de Matemática e de Filosofia. Suas pesquisas foram apresentadas em trabalhos como: comentários sobre “Elementos de Euclides”, que escreveu junto ao seu pai. Assim como fez reinterpretações, que simplificaram os conceitos de Apolônio, facilitando os estudos de quem o desejava estudar.

Infelizmente, muitas de suas contribuições foram perdidas, permaneceram apenas alguns registros de correspondências trocadas entre ela e seu aluno, Sinésio de Cirene, o qual compartilhava de um gosto pela Matemática, assim como sua tutora.

Hipátia destacava-se por suas habilidades como palestrante e por ser uma seguidora do neopitagorismo e neoplatonismo. Dava aulas particulares em sua casa a um grupo de aristocratas pagãos e cristãos. Por sua natureza educada, tolerante e racional, acabou gerando ciúmes, gerando inimizades. Grande eram as acusações contra ela de blasfêmia e sentimentos anticristãos, simplesmente porque se negou a ir contra os próprios ideais e abandonar o paganismo, levando-a a uma emboscada. Enquanto Hipátia regressava para sua casa em sua carruagem, essa admirável

---

<sup>13</sup> Hipátia de Alexandria, disponível em: <http://mulheresnamatematica.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/237/2018/06/A-Vida-de-Hip%C3%A1tia-de-Alexandria.pdf>

mulher foi brutalmente atacada, tendo suas roupas e cabelos arrancados, depois os braços e as pernas, sendo queimado o restante do seu corpo.

Conhecida por ser uma das últimas intelectuais a trabalhar na biblioteca de Alexandria, Hipátia foi a primeira mulher matemática que a história registra. A sua morte violenta foi considerada o fim do período antigo da Matemática grega.

\*\*\*

Já passava da meia noite, porém Laura estava encantando-se com a primeira história que conhecia; como podia ela, pesquisadora, mulher, matemática, não conhecer histórias de lutas de mulheres matemáticas. Precisava retornar à sua cabine, e, no dia seguinte, regressaria ao posto, onde se encontrava a comandante para continuar a conhecer as histórias. Todavia não conseguiu dormir, ficou pensando na história de Hipátia, levantou, pegou seu *laptop* e foi buscar mais sobre sua trajetória. Assistiu a um filme sobre Hipátia e ficou mais embevecida ainda.

O contexto que envolvia a cidade naquela época transformava-se em perigoso para quem não aceitasse ou seguisse as regras e ideais religiosos. Existia muita intolerância religiosa, ódio daqueles que pensassem diferente, principalmente para Hipátia que, por ser mulher, desafiava ainda mais esse sistema, que não permitia que uma mulher pudesse ter liberdade e aconselhar os poderosos homens de Alexandria. Era considerada uma bruxa, por ser uma mulher detentora de conhecimento matemático e astronômico. Ao término do filme, Laura caiu em um profundo sono, envolvida em suas lembranças.

No dia seguinte, ainda com o sol nascendo, enquanto caminhava para o encontro com a comandante, ficou pensando em várias similitudes com a época atual, como diante de muitas lutas, as mulheres ainda enfrentam muitas barreiras ao invisível. As grandes dificuldades de se construir um discurso para que as lutas das mulheres sejam ouvidas na busca pela desconstrução de identidades de gêneros em relação ao que se determina para as mulheres. Seriam nessas histórias, onde começavam as lutas das mulheres, na busca por seu espaço nas ciências? Por qual motivo, poucas evidências e estudos eram direcionados a essas mulheres? Com essas inquietações, abriu mais algumas cabines do passado.

\*\*\*

Figura 5 - Cabine do navio – Passageira Maria Gaetana Agnesi.



Fonte: A Autora (2021).  
Nota: Editada do Google imagem.

Seguindo viagem, conhecemos Maria Gaetana Agnesi.

O contexto em que nascia Maria Gaetana Agnesi (1718 – 1799)<sup>14</sup> não era um dos melhores. Depois da queda de Roma e durante a Idade Média, observava uma rejeição a qualquer tipo de educação para mulheres. Mesmo diante disso, Maria Gaetana sempre foi encorajada por seus pais aos estudos, seu pai adquiriu o título de professor de Matemática na Universidade de Bolonha. Seus pais planejaram sua educação desde pequena.

Era vista como uma menina prodígio, pois dominava diversas línguas e possuía excelente memória. Aos nove anos, participava dos eventos acadêmicos realizados em sua casa por seu pai, que a encorajava para debates. Em um desses eventos, defendia os direitos das mulheres de estudarem artes liberais. Na verdade, essa foi a posição que defendeu até sua morte.

Possuía habilidades em dialogar em vários idiomas que impressionava os acadêmicos, em diferentes assuntos da Filosofia e das ciências. Esses encontros fizeram parte da vida de Maria, até o momento em que pediu ao seu pai para entrar no convento de freiras. Ele não aceitou, mas permitiu que se vestisse de maneira simples, ir à igreja e não ter mais a obrigação de frequentar os eventos da nobreza.

Nesse momento, dedicou os seus estudos à área de Matemática; junto aos seus professores realizou vários estudos, para depois de quase uma década, publicar sua principal obra, “*Instituzionianalitiche ad uso dela gioventú italiana*” (Fundamentos analíticos para o uso da juventude italiana). Essa obra foi

---

<sup>14</sup> Maria Gaetana Agnesi, disponível em: <http://mulheresnamatematica.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/237/2018/05/A-Vida-de-Maria-Gaetana-Agnesi.pdf>

apresentada em dois volumes, que abrangiam álgebra, trigonometria, geometria analítica, cálculo e equações diferenciais. Na época, foi intitulada como uma das publicações mais importantes, que fez Agnesi ser reconhecida em toda Europa, pois sua obra era um dos primeiros livros didáticos. Recebeu, como presente, uma caixa de diamantes e um anel de diamantes da Imperatriz Maria Teresa da Áustria, a quem Agnesi dedicou seu livro. Recebeu o convite do Papa Bento XIV para se tornar professora da Universidade de Bolonha e, como presente, uma coroa de ouro.

Após a morte de seu pai, Agnesi retornou a Milão e se dedicou à teologia e à caridade, onde alugou um imóvel e o transformou em uma casa de abrigo para as pessoas pobres, mendigos e doentes, utilizando, para essa causa, os presentes que ganhou por seus trabalhos. Tinha uma vida muito discreta. Foi convidada a gerenciar uma outra casa de apoio para idosos e enfermos, pelo príncipe Antonio Tolemco, que cedeu seu palácio para ser a casa. Mudando-se para o local, dedicou o resto de sua vida aos cuidados de pessoas carentes. Quando faleceu em 1799, foi homenageada em toda a cidade de Milão.

Figura 6 - Cabine do navio - Passageira Marie Sophie Germain.



Fonte: A Autora (2021).  
Nota: Editada do Google imagem.

Na direção dessa viagem, a cabine nos leva a Paris, na França. Marie Sophie Germain (1776 – 1831)<sup>15</sup>, filha de pais mercadores da burguesia francesa, teve sua infância marcada por grandes discussões filosóficas e políticas, dedicando-se desde cedo à escrita. Encantada pela história de Arquimedes, resolveu tornar-se geômetra,

---

<sup>15</sup> Marie Sophia Germain, disponível em: <http://mulheresnamatematica.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/237/2018/07/A-Vida-de-Sophie-Germain.pdf>

o que causou reprovação de seus pais, enfrentando resistências, sendo necessário fazer seus estudos, escondida, nas madrugadas, à luz de velas.

Embora, mesmo tendo bons conhecimentos em Matemática, Sophie não pode ingressar em uma escola, por ser mulher. A Escola Politécnica de Paris, durante a revolução francesa, tornou-se uma academia militar. Mesmo em 1770, não sendo mais militar, era administrada por tais, e mesmo permitindo o ingresso de mulheres, era incipiente a presença das mesmas. Sophie então utilizou o nome de um ex-aluno, LeBlanc. Ele havia saído de Paris e a escola não sabia de sua saída; continuava enviando-lhe seus resumos e exercícios. Sophie executava as atividades e mandava suas anotações à escola, que era orientada pelo professor Joseph Louis Lagrange, que veio a descobrir que quem resolvia as atividades era Sophie e passou a incentivar a continuação de seus estudos.

Ainda utilizando o nome de LeBlanc, trocava correspondência com Carl Friedrich Gauss, ao se interessar por teoria dos números. Mas uma vez foi descoberta sua identidade, quando Napoleão Bonaparte invadiu a Prússia, pediu ao general da tropa invasora que protegesse e mantivesse em segurança Gauss, que ficou surpreso, quando descobriu que seu correspondente das teorias por cartas era Sophie, o que o fez ter ainda mais admiração e dar crédito ao trabalho dela e por tê-lo encorajado a voltar a estudar a teoria dos números.

Germain escreveu sobre Matemática e Filosofia, em que se dedicou durante toda sua vida. Enfrentou grandes dificuldades, principalmente na obra sobre elasticidade, que passou muitos anos para ser reconhecida. Muitos homens eram capazes de entender a teoria de Gauss, porém só Sophie foi capaz de escrever a respeito.

Outras obras, como teoria dos números, contribuíram para avanços da ciência. Nas suas trocas de correspondências com Gauss, Sophie desenvolveu soluções para problemas de teoria dos números, chamados números primos de Germain, em que provou que o último Teorema de Fermat é verdadeiro para esses números. O número  $p$  primo é um primo de Germain se  $2p + 1$  é primo também.

Sophie faleceu em consequência de um câncer de mama. Ela nunca se casou, sempre dedicou sua vida aos estudos, sendo sustentada e financiada por seu pai. Antes recebeu o título de honorário da Universidade de Gottingen, que seu amigo Gauss recomendou que fosse dado a ela. Mesmo com todos seus

importantes trabalhos, sua morte foi anunciada, classificando-a como “mulher solteira e sem profissão”.

No ano de 2003, a Academia de Ciências da França concedeu um prêmio em Matemática chamado Prêmio Sophie Germain em sua homenagem.

\*\*\*

Nascida no interior do estado de Pernambuco, Laura fazia parte de uma família de classe média. Seu pai, marceneiro, e sua mãe, costureira e do lar, mais três irmãos compunham a família na casa. Desde pequena, não só ela, mas também suas irmãs ajudavam nas tarefas de casa e em uma mercearia de bairro, que seu pai, com dificuldade, conseguiu abrir a fim de ter uma renda extra para ajudar nas despesas de casa.

Sua vida na mercearia de bairro poderia ali, aos nove anos, ter lhe despertado o desejo pela Matemática. Em meio às medidas de farinha na balança, entre as contas e troco dos clientes, as medidas de leite, tudo aquilo para ela era divertido, Laura estava cada vez mais seduzida pela Matemática. Entretanto as dificuldades eram muitas e seu pai não conseguiu dar andamento com a mercearia, precisando fechá-la. E começou um outro empreendimento.

Conhecida em todo o País, a feira de Caruaru é uma das maiores rendas entre as famílias daquela região. E foi nesse empreendimento, que o pai de Laura arriscou mais uma vez a busca de uma renda extra para a família. As feiras aconteciam em um dia da semana, começavam as 5h00 da manhã e duravam até as 12h00. Laura e as irmãs acordavam de madrugada, às 3h00, para organizar a mercadoria e montar seu banco na feira e quando chegassem, iriam para a escola, pois estudavam no período da tarde. Havia quem falasse que era exploração infantil, mas muitos valores que hoje carrega em si vieram de ensinamentos de seus pais. Ela e suas irmãs não faziam isso por obrigação, mas queriam ajudar em casa de alguma forma. E mais uma vez, estava envolvida em contas e trocos, a Matemática parecia estar fechando o círculo, pulsando nela. Contudo mais uma vez não deu certo.

Nesse meio tempo, ela e suas irmãs já estavam adolescentes. Laura tinha 14 anos, quando decidiu falar com uma tia, dona de uma escola particular, para ser auxiliar. Foi nessa decisão, que tudo começou ou desandou.

Para a entrada no Ensino Médio, Laura buscou por uma escola que se destacasse no meio esportivo, sempre jogou handebol e queria continuar. Naquele tempo, existiam avaliações para o ingresso de alunos nas escolas; Laura, como uma boa atleta, teve o mérito por isso, assim poderia defender a camisa da escola nos jogos.

Entrou no Ensino Médio cursando o Normal Médio, antigo Magistério. Nesse meio tempo, realizou estágios, projetos, mas não tinha muita certeza do que pretendia fazer. Dava aula na escola particular da tia. Foi uma época bastante turbulenta. Pela manhã, estava no Ensino Médio, à tarde lecionava e, em algumas noites, tinha aulas práticas, era como chamavam no Normal Médio. Estava se identificando com a educação, porém no final do Ensino Médio, vieram muitas cobranças, a desvalorização e desmotivação que sentia causaram-lhe muitas frustrações e adoecimentos.

Concluiu o Ensino Médio no mesmo tempo em que parou de dar aulas na escola particular. Precisava reavaliar sua decisão. Tomou um outro caminho.

\*\*\*

Figura 7 - Cabine do navio - Passageira Sofia Kovalevskaya.



Fonte: A Autora (2021).  
Nota: Editada do Google imagem.

Entrando na cabine, em navegação pela Rússia, determinada pelas rotas de Sofia Kovalevskaya (1850 – 1891)<sup>16</sup>, que nos leva a uma incrível história de lutas e

---

<sup>16</sup> Sofia Vasilevna Korvin-Krukovskaia, disponível em: [http://mulheresnamatematica.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/237/2017/10/sofia\\_kovalevskaya.pdf](http://mulheresnamatematica.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/237/2017/10/sofia_kovalevskaya.pdf)

conquistas importantes, conhecida por ser a primeira matemática da academia da Rússia.

Sofia Vasilevna Korvin-Krukovsky nasceu em Moscou, na Rússia, e era conhecida como Sofia Kovalevskaya. Teve uma educação típica da nobreza durante a infância; na adolescência, apresentou grande afeição pela Matemática e Ciências Naturais, o que fez seu pai contratar tutores para o ensino de álgebra e geometria e um matemático para cálculo.

Sob grande influência de sua irmã e de seu professor de Matemática, tornou-se defensora do radicalismo político, social e cultural, sendo a filosofia do Niilismo, a que chamava atenção de Sofia. A revolução social, a igualdade de gênero e a fé nas ciências naturais eram as linhas seguidas pelo Niilismo, o qual pregava que as mulheres deveriam ter uma educação superior para ingressarem em uma carreira na sociedade e libertar-se da “tirania parental”. Com esse desejo, Sofia decidiu pelo Ensino Superior em Matemática e Ciências Naturais, mas só na Suíça era permitido que as mulheres estudassem. Então Sofia forjou um casamento com Vlademir Kovalevskii, pois só poderia deixar a Rússia e viajar a outro país se tivesse a autorização dos seus pais ou do marido.

Sofia casou-se com Vlademir, que também era defensor do Niilismo. Na visão da jovem, esse casamento forjado seria uma forma de se posicionar contra a tirania parental injusta. Nessa união, ambos decidiram não ter responsabilidade um com o outro, mas a realidade foi diferente.

Em 1869, Sofia foi para Heidelberg para dar início aos seus estudos em Matemática. Foi autorizado pelas autoridades da universidade que ela se matriculasse nas matérias e depois convenceu diversos pesquisadores famosos que também permitiram que Sofia se matriculasse em suas disciplinas. Eis que sua fama se espalhou, fazendo-a se mudar para Berlim para trabalhar com o matemático Karl Weierstrass, que passou a orientar em particular, já que a universidade não a deixava matricular-se nas matérias. Ficaram mais próximos, ele a considerava sua aluna brilhante e ela o via como sua fonte de ideias.

Estudou durante três anos, onde conseguiu escrever três teses de doutorado e com os esforços de Weierstrass, DuBois-Reymond e LazarusFuchs, conseguiu o título de doutora em Matemática pela Universidade de Gottingen em 1874. Nesse mesmo ano, Sofia e Vladimir retornaram à Rússia para trabalhar nas academias, porém foram rejeitados pelas universidades, mesmo com seus trabalhos e ótimas

recomendações. Diante disso, resolveram abandonar suas carreiras e investiram em empreendimentos comerciais. E depois de seis anos de um casamento forjado, resolveram se unir de verdade e tiveram uma única filha.

Depois de cinco anos parada em sua carreira, Sofia retornou aos estudos em Matemática e começou a trocar correspondência com Weierstrass. Ainda assim foi negada sua licença para ensinar na Universidade pelo governo Russo. Nesse mesmo tempo, Sofia e Vladimir separaram-se e ela foi viver em Berlim. Seu ex-marido foi investigado por operações financeiras, o que lhe causou uma insanidade mental que o levou a um estado profundo de depressão, vindo a cometer suicídio.

Os amigos de Sofia tentavam uma vaga nas universidades e, em 1884, Mittag-Leffler conseguiu lugar em Estocolmo, onde ganhou durante cinco anos o prêmio de professor extraordinário. Recebeu também o prêmio Prix Bordin por seus estudos sobre o movimento de corpo rígido e ganhou uma cadeira na universidade da Europa, sendo a primeira mulher desde Maria Gaetana.

As obras de Sofia foram dez artigos matemáticos, trabalhos sobre Mecânica e Física matemática, contribuições na prova de um teorema em equações diferenciais parciais, entre outros. Sofia faleceu aos 41 anos, seus trabalhos produziram grande impacto na Matemática. Em sua homenagem, em 2002, foi instituído o prêmio Sofia Kovalevskaya pela Fundação Alexander von Humboldt da Alemanha, seu valor pode chegar a 1,5 milhão de euros, sendo um dos maiores prêmios em pesquisa da Alemanha.

\*\*\*

Uma pausa foi feita para que Laura fosse até o restaurante do navio, mesmo fascinada com as histórias, precisava alimentar-se. Chegou ao restaurante e fez seu pedido à garçonete. Enquanto aguardava, recordações surgiam.

Voltou ao tempo em que soube que iria cursar uma universidade pública, o que causava muitas euforias dentro de si, alguns medos, alguns impasses, mas estava feliz mesmo sem entender o porquê de ter escolhido Matemática.

Ao entrar no campus, observou um amontoado de estudantes, todos fixando seus olhares em listas de papel que estavam coladas em um mural de avisos. Ela tentava chegar até a lista, mas a multidão que ali estava a empurrava para mais distante. Um dos estudantes, vendo sua angústia, estendeu a mão apontando para

Laura. “Qual seu curso, amiga? E seu nome? (Falou o jovem rapaz, simpático). Ele logo a localizou na lista e ao chegar junto: “Que bom, estamos na mesma sala, vamos! Eu também vou cursar Matemática. Meu nome é Daniel”. Tinha conseguido companhia, nunca imaginaria que tão rápido, pois não era muito de se aproximar, estava sempre na retaguarda.

Entraram na sala e logo Laura direciona seu olhar para observar todo o ambiente antes de sentar-se. Em um dos cantos da sala, encontrava-se um grupo maior de moças e rapazes, pareciam já se conhecerem; no canto, final da sala, um rapaz, jaqueta preta, calça jeans folgada que se perdia em sua estrutura física. No outro canto, não literalmente no final, mais próximo à porta uma moça de roupa preta e tênis, Bianca, depois de um tempo a conheceu, próximos a ela, dois rapazes com aparência de serem mais velhos do que a maioria ali.

A universidade só veio começar a ter sentido para Laura no terceiro a quarto período. Seu amigo Daniel havia desistido do curso no segundo período, e ela começou suas primeiras reprovações. Pulava de sala em sala, de períodos em períodos. Eram assim suas noites, pois se não adiantasse as cadeiras, atrasaria sua conclusão. E foi nesse pula-pula de sala que ela conheceu Alberto e Bianca.

E juntos adentraram em muitas aventuras, conquistas. A amizade se consolidava, apoiando e dando forças uns aos outros.

Depois desse mergulho em seu próprio passado, Laura retorna a tempos distantes, conhecendo mais algumas mulheres.

\*\*\*

Figura 8 - Cabine do navio - Passageira Amalie Emmy Noether.



Fonte: A Autora (2021).  
Nota: Editada do Google imagem.

Depois de quatro cabines, chegamos a esta e encontramos Emmy (1882 – 1935)<sup>17</sup>, que enfrentou grandes dificuldades por ser mulher, assim também por sua origem, mas que seguiu com seu interesse por Matemática e que deixou inspirações para muitas mulheres.

Amalie Emmy Noether, nascida na Alemanha, era a filha mais velha entre os quatro filhos do casal, Max Noether e Ida Noether. De família judia, seu pai foi o primeiro da família a seguir carreira acadêmica, com título de doutor em Matemática em Heidelberg. Emmy e seus irmãos tornaram-se matemáticos.

As dificuldades surgiram a partir do momento em que buscou pela formação universitária, pois as universidades alemãs não permitiam a matrícula de mulheres. E a educação ofertada às mulheres era de baixa qualidade. Ela participava como ouvinte em matérias na Universidade de Erlangen. Em 1903, mudou-se para a Universidade de Gottingen, ainda como ouvinte em disciplinas de Matemática, ministradas por David Hilbert e Felix Klein. No fim do semestre, voltou à Universidade de Erlangen, onde seu pai era professor, e que agora autorizada as mulheres a se matricularem regularmente, sendo a única mulher matriculada. Anos depois, recebeu o título de doutora em Matemática.

Trabalhou durante oito anos seguintes, sem remuneração nem cargo formal no Instituto de Matemática, pois não eram permitidos para mulheres. Lecionou no lugar de seu pai devido à incapacidade em que ele se encontrava. E orientou alguns trabalhos de estudantes para a obtenção do título de doutor.

Retornou à Universidade de Gottingen, por convite de seus antigos professores para obter a habilitação de lecionar, que mais uma vez foi negada por questões culturais em não era aceitável uma mulher membro do conselho da universidade. Mesmo com essa dificuldade, seu antigo professor, Hilbert, contornou a situação e assinava as matérias lecionadas por Emmy. Em 1919, foi concedida a habilitação para ela lecionar, mas ainda não tinha a remuneração. Apenas em 1922, obteve o cargo de professor associado, recebendo um pequeno salário.

Durante o governo nazista, Emmy foi retirada do seu cargo e, para escapar da perseguição, aceitou o convite da Universidade BrynMawr, na Pensilvânia, para lecionar álgebra, onde passou mais de dois anos e realizou palestras semanais no Instituto para Estudos Avançados. Emmy faleceu em BrynMawr, durante uma

---

<sup>17</sup> Amalie Emmy Noether, disponível em: [http://mulheresnamatematica.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/237/2017/10/emmy\\_noether.pdf](http://mulheresnamatematica.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/237/2017/10/emmy_noether.pdf)

cirurgia para a retirada de um tumor. Suas cinzas ficaram na Universidade de BrynMawr, onde homenagens foram feitas a Emmy e assim foi reconhecida, tardiamente, sua importância na Matemática.

\*\*\*

De volta ao presente, Laura recorda uma passagem de sua vida dos tempos de estudante.

Estava se sentindo mal, enjoada, o seu corpo apresentava algumas mudanças físicas, mas aquilo não foi levado em consideração por ela. Porém, algo já se passava em sua cabeça, mas não queria acreditar, não podia ser, não aceitava. E deixou os dias passarem, sem querer dar importância àquilo que lhe tirava o sono. E passadas algumas semanas, Laura foi até o hospital, umas dores começaram a surgir. Passou pelo médico, o qual pediu alguns exames. Tinha de retornar duas horas depois, e aquela expectativa estava lhe “massacrando por dentro”, esperar por algo que ela já sabia. Mas precisava ouvir do médico.

O sétimo período começou diferente, agora Laura carregava um ser que vinha se formando havia um tempinho dentro de sua barriga. Com 38 semanas de gestação, ela encararia o início do período e, na segunda semana de início do semestre, entraria em atendimento especial. Apesar do apoio de sua família e de seus amigos da universidade, sentia-se insegura, com medo, ansiosa, muitos eram os sentimentos que existiam dentro de si. Vivia um relacionamento abusivo, que até então não estava visível aos seus olhos. Precisou encarar a gravidez sozinha.

Sem dúvidas, foi um dos maiores desafios acadêmicos conciliar o curso de graduação com a maternidade. Foram quatro meses de muitas obstinações. Primeiro, a recuperação de uma cirurgia cesariana; segundo, as noites em claro, com uma bebezinha que acordava de três em três horas para alimentar-se. Em seguida, precisaria reorganizar-se para começar os estudos, pois logo mais as avaliações do semestre seriam iniciadas. Demorou um mês até que ela pudesse entrelaçar a vida de mãe, aluna, pesquisadora, mulher.

Laura já havia se matriculado em algumas disciplinas antes mesmo do nascimento de sua filha. Assim que deu entrada no atendimento especial, foi orientada pela instituição que deveria entrar em contato com os professores para

alinhar como seria esse atendimento especial. Foi quando surgiram os primeiros contratemplos.

As dificuldades dos professores em responder aos seus e-mails. Os seus amigos, Alberto e Bianca, tentavam ajudar, procurando esses professores na universidade, mas eles sempre direcionavam ao e-mail, informando que responderiam. Alguns deram resposta, informando as instruções das listas de exercícios que Laura precisaria entregar, os horários e prazos de resoluções dessas atividades e das avaliações. Outros, no dia da prova, informavam que mandariam as avaliações, exercícios e que precisaria cumprir aquele prazo, sem prévio comunicado.

Em uma das avaliações, não conseguiu obter um décimo para atingir a nota, teve de ir para a final e então vieram as exigências do professor. O professor, por e-mail, informou que a aluna não poderia fazer a final em casa e no prazo que geralmente era estipulado para realizá-la, quatro horas, ela precisaria ir até a universidade para efetuar a avaliação final com todos os outros alunos. Laura precisou levar uma acompanhante para que ficasse com a filha enquanto fazia a prova. Parou para amamentar. Parou para acalmá-la. A concentração na prova foi por água abaixo. E o resultado: reprovação nessa disciplina.

A professora de estágio foi bastante solícita, passou as leituras trabalhadas nas aulas e pediu que Laura elaborasse um relatório no final do período. Na disciplina, os alunos tinham a tarefa de realizar alguns estágios e um projeto de intervenção. Laura informou que faria os estágios e o projeto. E assim o fez; ainda no período de afastamento da gestação, ela cumpriu o programa de estágios em uma Escola da Rede Estadual. Saía logo cedo de casa, deixava a filha na casa de sua mãe, bebezinha ainda com três meses, e ia até os estágios, algumas vezes precisava voltar antes para a casa, porque estava no período de amamentação. E assim passou pelos estágios.

Na conclusão dos estágios, realizou juntamente à sua amiga, Bianca, um projeto de intervenção, onde levaram jogos matemáticos, e foram bastante elogiadas pela direção, a qual fez o convite para que retornassem outras vezes e com parceria para consolidar outros projetos.

Enfim, o período havia terminado, não totalmente satisfatório, como desejava. Algumas reprovações. Novos desafios viriam. Ela estava pronta para encará-los.

\*\*\*

Figura 9 - Cabine do navio – Passageira Mary Ellen Rudin.



Fonte: A Autora (2021).

Nota: Editada do Google imagem.

Estejamos atentos, pois agora vamos conhecer uma americana que foi considerada uma das maiores topologistas do século XX, que conciliou as quatro maternidades e a carreira de Matemática, especialista em dar contraexemplos.

Mary Ellen Rudin (1924 – 2013)<sup>18</sup> nasceu no Texas, onde passou sua infância na cidade de Leakey. Uma cidade pequena e por haver poucas opções de lazer, Mary e seus amigos inventavam jogos e brincadeiras elaborados. Talvez isso a tenha ajudado a realizar trabalhos densos e criativos na Matemática.

Ingressou na universidade do Texas em 1941, onde, acompanhada por seu pai, que havia estudado lá, conversou com uma professora e ambos decidiram que ela deveria cursar Artes Liberais, que tinha uma grande abrangência em diversas áreas, mas no dia da matrícula, no ginásio de inscrição, o local estava lotado e Mary foi encaminhada para a fila de Matemática por haver poucas pessoas, onde foi atendida por R.L. Moore, matemático americano, que conversou muito com Ellen. Esse momento foi marcante para ele, pois, mais à frente ela seria orientada por ele em seu doutorado.

Concluiu e recebeu o título em Artes Liberais e não seguiu seus estudos. Quando recebeu uma posição como instrutora em Matemática, começou o doutorado e posteriormente obteve o título de Ph.D., que lhe rendeu o cargo de professora da Universidade de Duke, Carolina do Norte.

---

<sup>18</sup> Mary Ellen Rudin, disponível em: <http://mulheresnamatematica.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/237/2018/06/A-Vida-de-Mary-Ellen-Rudin.pdf>

Conhecida no meio científico por suas habilidades em dar contraexemplos, foi uma das maiores topologistas de nossos tempos. Contemplada com o prêmio Noether Lecture, concedido pela Associação Mulheres na Matemática (AWM), foi vice-presidente da Sociedade Americana de Matemática e publicou diversos artigos científicos. Mary faleceu em 2013 nos Estados Unidos.

Figura 10 – Cabine do navio – Passageira Maryam Mirzakhani.



Fonte: A Autora (2021).

Nota: Editada do Google imagem.

A comandante nos leva à última Cabine; nessa, vamos conhecer a única mulher a conseguir o prêmio Medalha Fields, um importante prêmio da Matemática mundial, que já contemplou 56 matemáticos e, entre eles, Maryam (1977 – 2017)<sup>19</sup>.

Em Teerã, no Irã, nasceu Maryam Mirzakhani, uma menina que sonhava em ser escritora e teve sua infância vivenciada pela guerra do Irã-Iraque. Mas no Ensino Médio, ganhou interesse pela Matemática com influências de seu irmão. Ingressou na Universidade Sharif de Tecnologia (Teerã), no curso de bacharelado em Matemática, uma das principais instituições do país. Durante dois anos consecutivos, ganhou medalha de ouro na Olimpíada Internacional de Matemática. Ao terminar a graduação, foi para a Universidade de Harvard, realizar seu doutorado, sendo orientada por Curtis McMullen, um professor que tinha a premiação no Congresso Internacional de Matemática. Em 2004, com tese intitulada *Simple geodesics on hyperbolic surfaces and the volume of the moduli space of curves* (Geodésica simples em superfícies hiperbólicas e o volume do espaço de módulos das curvas), recebeu o título de Ph.D em Matemática em Harvard.

<sup>19</sup> Maryam Mirzarkhami, disponível em: <http://mulheresnamatematica.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/237/2018/07/A-Vida-de-Maryam-Mirzakhani.pdf>

Maryam trabalhou no Clay Mathematics Institute e foi professora em Princeton. Casou-se com Jan Vondrak, matemático tcheco, professor de Stanford, onde em 2008, Maryam tornou-se professora. Sua área de pesquisa era a geometria algébrica, geometria diferencial, sistema dinâmico, probabilidade e topologia de baixa dimensão. Deixou várias contribuições para o mundo matemático e serviu de inspiração às mulheres alunas que desejam seguir a carreira.

A vida de Maryam foi marcada por conquistas em diversos prêmios. Lutava contra um câncer de mama, que teve por consequência sua morte, quando o câncer atingiu a medula óssea, falecendo nos Estados Unidos em 2017.

\*\*\*

Um episódio que fez explodir os pensamentos de Laura em uma clareza abismal, ocorrida ainda na graduação no interior pernambucano, cuja instituição atendia várias outras cidades do Estado, dizia respeito a uma turma que engatinhava no curso de Matemática. Sempre nas aulas de geometria analítica, o destaque da aula eram dois alunos, e o professor não expressava nenhum sentimento de admiração por eles. E pensando bem, não existia o encorajamento a outros alunos, principalmente quando eram alunas. De fato, não apenas nessa disciplina, mas em todas. E o mais inacreditável: as mulheres dominam a sala em quantidade.

Esse episódio fez um turbilhão na cabeça de Laura, recordando-se de quando, em uma das provas dessa disciplina, na verdade um tempo depois, em que o professor já havia corrigido as provas e estava entregando-as aos alunos, ao invés de ser algo normal de capacidade de qualquer um ali presente, apareceu a fala: “A maior nota foi de uma menina, Laura!” Naquele momento, Laura apenas consentiu com a cabeça e com um sorriso meio de lado. Agora tudo isso lhe fazia sentido, a forma como frases como essa repercutiam de forma “natural” na sua graduação.

Toda essa viagem, nas cabines ao passado, fez Laura adentrar em recordações e situações que viveu durante sua vida até aquele momento.

Laura entrou na sua graduação dentro de uma caixinha, presa a padrões sociais, e os caminhos que a perpassaram, as subjetivações, os agenciamentos, foram fundamentais para quebrar essas forças externas que a aprisionaram. A quem falava para ela desistir, ela concluiu essa viagem, mas outras ainda estavam por vir.

Agora tinha em mente um norte, mesmo que não soubesse em que direção que essa nova viagem a conduziria. Ela tinha a certeza de que estava no lugar certo. Estava livre.

\*\*\*

“Já é tarde, tudo está certo  
Cada coisa posta em seu lugar  
Filho dorme, ela arruma o uniforme  
Tudo pronto pra quando despertar

O ensejo a fez tão prendada  
Ela foi educada pra cuidar e servir  
De costume esquecia-se dela  
Sempre a última a sair

Disfarça e segue em frente  
Todo dia até cansar (Uhu!)  
E eis que de repente ela resolve então mudar  
Vira a mesa, assume o jogo  
Faz questão de se cuidar (Uhu!)  
Nem serva nem objeto  
Hoje ela é um também

A despeito de tanto mestrado  
Ganha menos que o namorado  
E não então porque  
Tem talento de equilibrista  
Ela é muita, se você quer saber”

Desconstruindo Amélia<sup>20</sup>  
(Pitty)

\*\*\*

Laura sabia que essa viagem estava chegando ao fim, na manhã seguinte essa terminaria, porém muitas outras viriam.

Em seu plano de viagem, começou a ideia do fluir, sendo capaz de mudar e tomar rotas diferentes à medida que a viagem a conduzia, levando-a a conhecer diversas personagens, e encontrou muito mais do que jamais pensou encontrar.

---

<sup>20</sup> <https://www.lettras.mus.br/pitty/1524312/>

## 6 O DESEMBARQUE

Fotografia 2 – Horizonte.



Fonte: Google imagem (2021).

Laura preparava-se para desembarcar, quantas histórias conheceu, pensou sobre quanto aquela viagem tinha sido enriquecedora para ela enquanto mulher, pesquisadora. O medo que sentiu ao embarcar agora dava espaço a um sentimento de gratidão. Sabia que aquela viagem tinha sido apenas o começo de muitas outras. Agora, tinha ainda mais convicção de que estava navegando nesse território movente do navio Educação Matemática e, a partir dali, pretendia continuar a viagem.

Ao desembarcar, encontrou Carolina, sua mochila nas costas e sua determinação pela Matemática que tanto encantou Laura, foram horas de conversas, que a deixaram com turbilhões de pensamento.

Observou Nicole, descendo do navio com dificuldade em carregar suas bagagens, mas admirou-a de longe, uma combatente de tantos discursos, sua determinação em ser melhor, não pelos outros, mas por saber que era capaz, tinha uma força extraordinária.

Pela esquerda, seguia Valéria, seu coração apaixonado, batia e ansiava pela Educação Matemática, para ela não existiam limites, direcionava a rota e seguia com todo vapor.

E bem a sua frente, Soraia, o fluir do seu devir que lhe havia proporcionado o desejo de adentrar em novas viagens da Educação Matemática com a Filosofia da Diferença.

Deixando o navio, Laura olha para trás e mais uma vez o filme de sua trajetória até ali passa como um *trailer* em sua mente. Estava muito feliz. Tinha concluído essa viagem. Virou e seguiu. Mas à frente parou na ponta do porto e pôde deslumbrar a imensidade desse horizonte que é a Educação Matemática. Já se sentia instigada a traçar uma nova viagem, mas naquele momento permitiu sentir-se realizada.

\*\*\*

Nessa embarcação, tivemos o intuito de deixar nossa tripulação incomodada, de forma que saíssem de sua zona de conforto e deparassem com realidades que se encontram a sua volta. A náusea é uma sensação que muito passageiros sentem ao estarem em uma viagem de navio; essa é nossa intenção, causar um incômodo, de alguma forma que, ao transitar nas narrativas apresentadas, reflitamos sobre a participação das mulheres na Matemática a fim de discutir e questionar discursos produzidos historicamente que estiveram e estão implicados no meio social, diante de suas subjetivações, desejos, devires. Nesse sentido, transitar pelas narrativas desta pesquisa implica perceber que os movimentos que conduzem à participação de mulheres na Matemática não podem ser compreendidos fora dos contextos sociais e culturais.

Ao sermos subjetivados pelas narrativas, percebemos que o mundo matemático (re)produz determinados discursos e regimes de verdade que produzem efeitos na escolha pela profissão de professora de Matemática (grupo de nossa pesquisa), causando um desequilíbrio entre mulheres e homens nessa área de conhecimento, seguindo um viés sexista que constitui a Matemática. Esses aspectos, com raízes profundas, envolvem a história da sociedade e a construção das identidades femininas e masculinas ao longo dos séculos.

As discussões que buscamos tecer ao longo desta pesquisa não têm a pretensão de serem afirmações definitivas, mas, pelo contrário, elas representam apenas algumas reflexões sobre a participação da mulher no mundo da Matemática, constituída em pilares androcêntricos. Certamente, teremos um olhar mais crítico para as relações entre gênero e Matemática, implicadas em “verdade” que vêm perpassando a cultura ao longo da história.

Encerramos essa viagem com um estudo em que fluxos foram experimentados. Não é fácil quando as linhas duras tentaram instalar-se na pesquisa, fazendo tecer as ideias e pensamentos que deveriam ser ou isto ou aquilo. Assim como deixar fluir as linhas flexíveis, e até mesmo as linhas de fuga.

Nesse sentido, não chegamos à pretensão de conclusão de uma ideia, finalizarmos um pensamento ou dar fim conclusivo à pesquisa, mas com a finalidade de produzir devires outros, provocando processos de subjetivação, seja de qualquer ponto dessa pesquisa, bem como um rizoma, onde não existe início ou fim.

Enfim, identificamos nas mulheres matemáticas toda a potência que permite perpassar linhas, fugas, produção, rupturas, é pensar caminhos, singulares e múltiplos para a Matemática.

## REFERÊNCIAS

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**; Tradução, Renato Aguiar – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**, vol. 2. 2 ed. São Paulo: 34, 1995.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. 2 ed. São Paulo: 34, 1996.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia**, vol. 4. 1 ed. São Paulo: 34, 1997.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 3. ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Organização e introdução de Roberto Machado. 13.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FOUCAULT, M. **A Hermenêutica do sujeito – Curso do Collège de France, 1981 – 1982**(S. T. Muchail, trad.). São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos III. Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 22 ed. São Paulo: Loyola, 2012.
- GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. 2.ed. Belo Horizonte. Autêntica, 2008. Educação: entre a subjetivação e a singularidade. Revista do Centro de Educação. Santa Maria, v. 35, n. 2, p. 229-243, 2010
- GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- QUEIROZ, Simone Moura. **Movimentos que permeiam o devir professor de matemática de alguns licenciandos**. 2015. f. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2015.
- ROLNIK, Suely. **Pensamento corpo e devir – uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico**. In: Cadernos de subjetividade. São Paulo: PUC 1993, nº 2.
- SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.16, n.2, p.72-79, jul./dez. 1990.

SOUZA, M. C. R. F; FONSECA, M. C. F. R. **Relações de gênero, Educação Matemática e discurso: enunciados sobre mulheres, homens e matemática.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VEIGA-NETO, A. **Foucault & a educação.** 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.